



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

ELIETE ABRANTE DE ABREU

**LEITURA LITERÁRIA DOS CONTOS DE FADAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS – PB

2023

ELIETE ABRANTE DE ABREU

**LEITURA LITERÁRIA DOS CONTOS DE FADAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) - da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Estudos literários.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A162l	Abreu, Eliete Abrante de. Leitura literária dos contos de fadas: uma proposta de intervenção para o 6º ano do ensino fundamental / Eliete Abrante de Abreu. – Cajazeiras, 2023. 94f. : il. Color. Bibliografia. Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa. Dissertação (Mestrado em Letras - PROFLETRAS) UFCG/CFP, 2023. 1. Literatura - ensino fundamental. 2. Leitura literária. 3. Gênero literário. 4. Contos de fadas. 5. Oficinas pedagógicas. 6. Formação de leitor literário. I. Sousa Elri Bandeira de. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 82:37(043.3)
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ELIETE ABRANTE DE ABREU

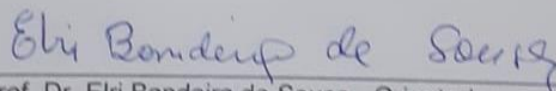
LEITURA LITERÁRIA DOS CONTOS DE FADAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Polo Cajazeiras/PB, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

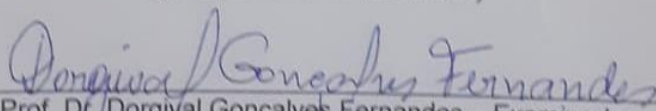
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Linha de pesquisa: Estudos literários.
Orientador Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Aprovada em 05 de dezembro de 2023.

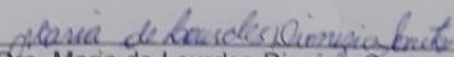
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa - Orientador
(UFCG/CFP/PROFLETRAS)



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes – Examinador
(UFCG/CFP/UAE)



Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos - Examinador
(UFCG/CFP/UAL)

Prof. Dr. Marcllio Garcia de Queiroga - Suplente
(UFCG/CFP PROFLETRAS)

Aos meus filhos, Alleffe e Alisson,
meus amores e razão maior das minhas lutas, dedico.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, devo agradecer a Deus que em sua infinita bondade me permitiu viver as emoções do mestrado. Não foi nada fácil, ao contrário, foi extremamente difícil, mas no fundo sempre soube que daria certo, porque o meu Deus é um Deus de amor e possibilidades.

Sequencialmente, agradeço aos queridos professores e toda equipe PROFLETRAS da UFCG, campos de Cajazeiras, por toda dedicação comigo e com meus colegas da turma oito (T8). Meu respeito e gratidão de modo muito especial e particular ao estimado Professor Doutor Elri Bandeira de Sousa, o meu agradecimento especial, por seus ensinamentos, pela confiança, paciência, serenidade e competência com que me orientou neste trabalho. Agradeço também de forma muito especial aos meus colegas de sala, a nossa inesquecível turma oito estará para sempre em meu coração. E nesse grupo, destaco a minha queridíssima colega Orfélia Estrela, companheira fiel e incondicional em todos os momentos desta luta chamada mestrado, a ela minha gratidão, respeito e amor

E por último, mas não menos importante, agradeço imensamente a minha querida família, fonte inesgotável de inspiração e amor para mim. Ao meus pais, Evódio Bernardino e Joana Maria, eternos cuidadores de mim e dos meus projetos. Ao meu esposo, Sérgio Alexandre por seu amor e cuidados. Aos meus amados filhos, Alleffe e Alisson, meus amores e razão maior da minha vida e das minhas lutas.

Portanto e por tudo, obrigada! Foram dias exaustivos e dolorosos físico e psicologicamente. Ao passo que na mesma medida foram dias de superação e contentamento pelo caminho trilhado e o resultado alcançado. Gratidão inclusive, por quem não torceu, dependendo do ponto de vista, também essa, foi uma forma de encorajamento. Aos que torceram, é hora de comemorar: a gente conseguiu.

Por fim, agradeço imensamente a todos que de modo direto ou indireto me ajudou a escrever mais esse capítulo da minha história. Sou mestra, sou grata.

.

“Contos de fadas são a pura verdade. Não porque nos contam que dragões e bruxas existem, mas porque nos mostram que eles podem ser vencidos.”

Gilbert Keith Chesterton

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é construir uma proposta de intervenção pedagógica, com o intuito de despertar o interesse e o gosto dos alunos pela leitura literária a partir dos contos de fadas e, conseqüentemente, contribuir com o avanço da competência leitora dos alunos do 6º ano do ensino fundamental. Trata-se de propor um trabalho com o citado gênero literário no formato de oficinas pedagógicas, nas quais se trabalhe definições, características, tipos, leitura, interpretação e produções de contos de fadas. A pesquisa é de caráter bibliográfico para fins de análises teóricas que embasem a proposta e de viés qualitativo, em que se analisa o problema identificado, qual seja, a dificuldade de leitura literária na transição da fase inicial do ensino fundamental para a fase seguinte, bem como de caráter aplicado por apresentar, a partir de base teóricas, propostas para enfrentar tais questões e problemas. A base teórica da pesquisa é formada por estudos como os de Tzvetan Todorov (1982), Teresa Colomer (2013), Antônio Candido (2011), Rildo Cosson (2006) e da teoria do conto, com autores como Nádía Battella Gotlib (2000), Nelly Novaes Coelho (2000), Câmara Cascudo (2004), entre outros. Com apoio nos citados pesquisadores da teoria do ensino e da teoria do conto, apresento uma proposta de intervenção pedagógica para as séries de transição do ensino fundamental (6º ano), com vistas a despertar maior interesse dos alunos pela literatura e contribuir com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura, leitura literária, contos, contos de fadas, ensino, aprendizagem.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to build a proposal for pedagogical intervention, with the aim of awakening students' interest and taste for literary reading based on fairy tales and, consequently, contributing to the advancement of the reading competence of students in the 6th year of elementary School. It is about proposing work with the aforementioned literary genre in the format of pedagogical workshops, in which definitions, characteristics, types, reading, interpretation and production of fairy tales are worked on. The research is of a bibliographic nature for the purpose of theoretical analyzes that support the proposal and of qualitative bias, in which the identified problem is analyzed, that is, the difficulty of literary reading in the transition from the initial phase of fundamental education to the next phase, as well as as of an applied nature by presenting, from a theoretical basis, proposals to face such questions and problems. The theoretical basis of the research is formed by studies such as those by Tzvetan Todorov (1982), Teresa Colomer (2013), Antônio Candido (2011), Rildo Cosson (2006) and short story theory, with authors such as Nádía Battella Gotlib (2000), Nelly Novaes Coelho (2000), Câmara Cascudo (2004), among others. With the support of the aforementioned researchers of teaching theory and story theory, we present a proposal for a pedagogical intervention for the transition series of elementary school (6th year), with a view to awakening greater interest in literature in students and contributing to the improvement of teaching-learning process.

Keywords: Literature, literary reading, short stories, fairy tales, teaching, learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – ENSINO, CONCEPÇÕES E PROPÓSITOS DA LITERATURA.....	16
1.1 A literatura	16
1.2 A literatura no ambiente escolar.....	21
1.3 A leitura de literatura como função social	26
1.4 A Literatura e a mediação de leitura na escola.....	29
1.5 Formação de leitor literário no espaço escolar	33
CAPÍTULO 2 – O GÊNERO LITERÁRIO CONTO DE FADAS	37
2.1 Abordagens e particularidades	37
2.2 Os contos maravilhosos e de fadas.....	44
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	50
3.1 O Tipo de Pesquisa.....	50
3.2 O Corpus Literário: Contos “Rapunzel” e “Rapunzel e o Quibungo”	51
CAPÍTULO 4: PRODUTO EDUCACIONAL	59
OFICINA I:	64
Introdução e características dos contos de fadas.....	64
Oficina II:.....	69
Identificando Variações e Adaptações de Contos de Fadas.....	69
Oficina III:	74
Conhecendo autores, lendo e interpretando contos de fadas.....	74
Oficina IV:	78
Vivendo o Imaginário Contista	78
Oficina V	83
Criando Seus Próprios Contos de Fadas Modernos	83
CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	91

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo elaborar uma reflexão acerca do lugar do texto literário na sala de aula, as condições em que ele pode vir a ser utilizado fazendo um percurso reflexivo sobre a prática pedagógica e o lugar em torno dos textos literários no ambiente escolar. E, nessa perspectiva, colaborar com a melhoria do ensino de leitura literária pelo viés dos contos de encantamento e/ou de fadas. Nesse sentido, “efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência dos alunos no que se refere às habilidades de leitura” (BRASIL, 2018). E por esse prisma, contribuir com o aprimoramento da qualidade de ensino no país como um todo, tal qual é a proposta do PROFLETRAS.

Para a realização desta investigação e proposta de intervenção, sugiro a opção pela pesquisa do tipo bibliográfica, devem ser considerados o referencial teórico já publicado em relação à temática investigada, bem como a máxima de que, “todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico” (Pradanov e Freitas, 2013, p.55). Considerando que este trabalho culmina com uma intervenção pedagógica, opino também pela investigação de natureza qualitativa, pressupondo as cogitações e análises contidas nessa proposta de intervenção.

Por último, recomendo a pesquisa aplicada, uma vez que após estudos, análise e reflexões das teorias literárias e contistas nos capítulos precedentes, aplicar-se-á na construção e criação da proposta de intervenção pedagógica. No caso, sugerindo com um passo a passo detalhado das oficinas pedagógicas de contos em sala de aula, desta feita, inevitavelmente os conhecimentos adquiridos serão aplicados concomitantemente ao surgimento dos problemas. Assim, a pesquisa será de natureza bibliográfica, qualitativa e aplicada. Com estudos, reflexões, debates e argumentações a partir das teorias, com intuito de embasar a proposta de intervenção e contribuir com a melhoria do objeto pesquisado.

É certo que o trabalho pedagógico com o texto literário tem sido contemplado com práticas exitosas, entretanto ainda é comum em meio ao cotidiano docente escolar identificar um ensino de leitura que ainda limita e talvez até exclua a leitura literária da rotina dos estudantes, uma vez que se além à leitura um tanto mais voltada ao aspecto informativo e gramatical, orientado quase que exclusivamente pelo sistema educacional e pelos currículos, os quais quase sempre desconsideram os interesses

particulares de cada sujeito aprendiz e o contexto sociocultural no qual está inserido. O ensino-aprendizagem de leitura literária um tanto tímido, sobretudo na última fase do ensino fundamental e, principalmente, na transição das séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental, isto é, no 6º ano do ensino fundamental, motivou esta pesquisa e os moldes desta proposta. O encantamento, o interesse e a afinidade pelos textos literários que ora ocorrem nas séries iniciais, quando os alunos corriqueiramente lidam com os contos de fadas em suas mais variadas formas, versões e cores, tornam-se antipatia nas séries finais do ensino fundamental, quando o foco se volta aos conteúdos específicos de cada área do conhecimento, tornando a leitura literária, mesmo em Língua Portuguesa, como fragmentada, formal e desinteressante para os mesmos alunos que outrora apaixonavam-se a cada nova história que lhes era apresentada.

Importante se faz salientar que, no âmbito desta proposta, trataremos da leitura literária dos contos de fadas. A ideia é que os alunos da segunda etapa do ensino fundamental sigam motivados à leitura de literatura a partir do universo dos contos de fadas, tal qual são no ensino infantil e anos iniciais do ensino fundamental. O *corpus* previamente selecionado para o desenvolvimento da proposta de intervenção é composto pelo conto de fadas “Rapunzel”, dos Irmãos Grimm; e o conto de fadas moderno “Rapunzel e o Quibungo”, de Cristian Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, respectivamente.

A escolha do *corpus* está fundamentada no fato de que este gênero literário está presente no livro didático e no currículo escolar do 6º ano do ensino fundamental e que as narrativas geralmente atraem a atenção dos estudantes dessa faixa etária.

Além disso, a partir das estratégias metodológicas traçadas nos moldes de “oficinas pedagógicas de contos” – aqui propostos – permitem trabalhar um quadro comparativo estrategicamente produzido para que os estudantes identifiquem as diferenças e semelhanças entre os contos de fadas clássicos e os contos de fadas modernos, numa perspectiva de que os contos de encantamento e/ou maravilhosos promovam uma aprendizagem prazerosa e, conseqüentemente, significativa de leitura literária, despertando os estudantes para outros contos, histórias e gêneros.

No contexto educacional, entendemos ser prudente um trabalho reflexivo dentro da comunidade escolar voltado ao ensino de leitura literária. Os nossos alunos estão sendo motivados à leitura por fruição e deleite? Os nossos alunos leem por escolha? Os nossos estudantes habitualmente leem livros ou somente fragmentos

deles? Enquanto professora, motivo com efetividade e afetividade a leitura literária aos meus alunos? As indagações pontuadas certamente provocam inquietude. Os questionamentos são ainda mais angustiantes quando se concentram no fato de que os alunos da chamada primeira fase do ensino fundamental, em sua grande maioria, apreciam com entusiasmo a literatura. Não em sua totalidade, mas uma grande parte dos alunos dos anos iniciais apreciam os gêneros literários como fábulas, contos e outros afins e, por meio deles, debruçam-se de forma engajada e produtiva no universo da leitura literária. Em oposição a este fato, os alunos da segunda fase do ensino fundamental – do 6º ao 9º ano, apresentam uma certa resistência à leitura literária, entendendo-a como “complicada e antiga”. Ao mudarem de fase, os alunos mudam de atitude em relação à literatura, faz-se necessário buscar estratégias e práticas que possibilitem resolver, ou pelo menos minimizar, os danos que a falta de leitura de literatura pode proporcionar aos aprendizes ao longo de suas vidas.

Nesse contexto, pensando em estratégias docentes e possibilidades de auxílio aos profissionais do magistério no sentido de melhorias em relação ao ensino de leitura de literatura, a partir do universo dos contos de fadas, este trabalho apresenta uma Proposta de Intervenção Pedagógica, nos moldes de “oficinas de contos”. Desta forma, desejando contribuir de modo proveitoso e significativo com o Ensino de Literatura, na disciplina de Língua Portuguesa, no 6º ano do Ensino Fundamental, proponho trilhar um caminho a partir dos objetivos traçados:

Objetivo Geral

- Construir uma proposta de intervenção para a sala de aula com a leitura de literatura a partir do gênero conto de fadas, como recurso pedagógico para o ensino de leitura literária nos Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente nas séries de transição dos anos iniciais para os finais, o 6º ano do ensino fundamental.

Objetivos Específicos

- Identificar as particularidades dos contos de fadas, suas concepções e teorias utilizando-as como estratégias de ensino capazes de despertar o gosto e o interesse dos alunos das séries finais do ensino fundamental, especialmente do 6º ano do ensino fundamental, por leitura literária;

- Discutir e analisar as dificuldades do ensino de leitura literária dos alunos nas séries de transição do Ensino Fundamental, por meio de reflexões e estudos inerentes ao gênero literário conto de fadas;
- Criar, descrever e avaliar estratégias utilizadas em sala de aula acerca da leitura de literatura, identificando os momentos em que a leitura de contos de fadas é utilizada pelos professores em sala de aula.

Assim sendo, a ideia é que seja criada uma proposta de intervenção pedagógica, por meio de oficinas, com ações didáticas significativas para aprendizagem dos alunos e que lhes permitam despertar o gosto e interesse pela literatura a partir dos contos de fadas. Pressupondo que, trabalhando os conceitos, tipologias, características, realizando leituras críticas e interpretativas, conduzindo produções de contos, orientando distinções entre contos clássicos e modernos, os alunos vivenciem experiências literárias exitosas e consequentemente passem a apreciar a literatura. E, nesse sentido, a realização do estudo e criação da proposta justifica-se pela importância de repensar nossas práticas e ações didático-pedagógicas em relação ao ensino de leitura e literatura nas aulas de Língua Portuguesa, nas séries finais do ensino fundamental, oportunizando aos alunos o gosto e o prazer pela leitura.

Portanto, entende-se que cada vez mais os tempos exigem um trabalho pedagógico que coloque o texto literário como protagonista do processo de ensino-aprendizagem, que considere a diversidade da língua, da cultura, da sociedade e dos sujeitos, em prol da aprendizagem de fato significativa. Para tanto, sugiro um trabalho pautado na leitura literária pelo viés do universo dos contos de fadas. E para obtenção do propósito investigativo, a proposta está fundamentada nos aportes teóricos de: Trezvetan Todorov (1982), Teresa Colomer (2013), Nádia Battella Gotlib (2000), Antônio Candido (2011), Rildo Cosson (2006), Nelly Novaes Coelho (2000), Maria Tatar (2004), Ransom Riggs (2018), Maria Clara Machado (2018), Câmara Cascudo (2004), dentre outros estudiosos.

Tendo em vista o desenho do estudo traçado, tratando-se da estrutura do trabalho, saliento que o texto dissertativo será escrito em cinco capítulos. No primeiro capítulo encontram-se as bases teóricas que fundamentam as questões do Ensino de Literatura e da leitura literária em sala de aula. Já no segundo capítulo, consta o embasamento teórico relacionado ao gênero literário conto e, nessa perspectiva, com um afunilamento que se encaminha para os contos de fadas especificamente.

Sequencialmente, no terceiro capítulo, trato dos aspectos metodológicos, contextualizo o tipo de pesquisa utilizada e, também aqui, abordo o *corpus* literário delimitado, bem como algumas considerações pertinentes a teoria em torno do que são oficinas pedagógicas. O quarto capítulo, é o produto educacional. Nesse momento será descrito o passo a passo das oficinas literárias propostas como medida interventiva à promoção da leitura literária dos contos de fadas, as quais apontaremos como caminhos para atingir o objetivo geral traçado neste estudo. Sequencialmente, o capítulo cinco, no qual constam as considerações finais do trabalho. Por fim, as referências.

CAPÍTULO 1 – ENSINO, CONCEPÇÕES E PROPÓSITOS DA LITERATURA

1.1 A literatura

O tópico que se segue não tenciona definir o termo literatura propriamente dito. Seria algo muito pretensioso e também muito difícil diante da amplitude do termo e pelo universo de informações, formações e saberes artísticos, culturais e sociais possíveis a partir da literatura e de sua essência. Entretanto, em sentido amplo, não é inoportuno mencionar que este termo advém do vocábulo latino *litteris*, no sentido de “letras”, associado à gramática e em caráter bem generalizado relacionado à aquisição de sapiência e habilidades voltadas à leitura, escrita, poesia, retórica e gramática (Martins, 2019). Nesse sentido, importante se faz também lembrar o caráter cultural e humanizador da literatura.

Nessa perspectiva, ratifica-se a ideia “humanizadora” da literatura como forma essencial de aquisição do saber. A literatura permite reflexão, emoção e exercício de empatia na compreensão de si (o leitor) e do mundo que o cerca, numa perspectiva de que, pela literatura melhor lidemos com as situações conflituosas da vida (Candido, 1995)

A literatura coloca-se a serviço do saber reflexivo, cujo acesso auxilia no desenvolvimento da educação em seus mais diversos aspectos, sejam eles cognitivos, linguísticos e de imaginação capazes de possibilitar o acesso aos diferentes saberes, pois pela literatura permite-se vislumbrar as muitas possibilidades da língua. Em consonância com as teorias literárias defendidas pelos principais críticos da área, a exemplo de Rildo Cosson, que em suas colocações nos incentiva à prática da leitura literária destacando que a literatura “consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” (Cosson, 2016, p.17).

Nessa perspectiva, é intenção tratar por aqui das reflexões inerentes à literatura, considerando as reflexões voltadas também ao Ensino de Literatura, sobretudo no ensino fundamental, etapa da educação básica da qual tratará o estudo que se segue. A partir das leituras e análises acerca de literatura e ensino literário, em consonância com os críticos e estudiosos e principalmente a partir da experiência docente cotidiana, defendo que historicamente o Ensino de Literatura sempre esteve presente nos parâmetros do ensinar; no período da colonização brasileira, por exemplo, lembramos da literatura jesuítica, a partir da qual, os padres jesuítas

ensinavam a religião, a leitura e a escrita, mediadas pela poesia, pelos autos, pelo teatro, pelos textos bíblicos, etc. Nesse sentido, podemos dizer que, desde sempre, a essência da literatura é conectar o humano (enquanto sujeito aprendiz), ao campo artístico-literário e aos processos linguísticos e de estrutura textual. Por conseguinte, é fato que desde os primórdios, a pauta do Ensino de Literatura pontuou-se em proporcionar ao estudante/leitor a legítima compreensão e interpretação de suas próprias leituras, a partir da leitura de literatura proposta.

Assim, tomemos por base fundamental para o Ensino de Literatura, que este seja mediado e discutido a partir da leitura de literatura nas suas mais variadas funções, sobretudo sua função social, que nos remete ao seu valor subjetivo, humanizador e construtor de identidade, numa perspectiva de aliar-se ao indivíduo possibilitando-lhe conhecer-se e conhecer o mundo a sua volta, contrapondo-se ao estilo meramente didático, restrito exclusivamente à sala de aula. O ensino de Literatura precisa ir para além dos muros escolares. Tratar a literatura no âmbito educacional, didático e pedagógico, sem pressupor sua essência de fruição edeleite, nos credencia para a exclusão de seu sentido essencialmente estético e humanístico.

É importante ler e interpretar os textos literários, mas não devemos, enquanto professores, esquecer sua capacidade humanizadora, ou seja, sua disposição de fazer com que os indivíduos, em especial os que estão nos espaços escolares, reflitam e compreendam o mundo a sua volta, no exercício da leitura literária. Por meio da literatura, o homem se descobre humano e humanizador, e por meio de suas mais diversas características, a literatura é capaz de contribuir com o pleno desenvolvimento intelectual do sujeito aprendiz. Acerca disso, Candido destaca:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1989, p. 22).

Sendo assim, mediar leitura de literatura implica em possibilitar aos aprendizes predisposição para compreender a si e ao mundo que os cerca. Em se tratando de Ensino de Literatura, os documentos oficiais de orientação e normatização, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular

(BNCC), assinalam que o Ensino de Literatura na educação básica pauta-se pelo pleno desenvolvimento do sujeito aprendiz e que a escola se dedique às práticas de leitura literária que enfatize os valores da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (Brasil, 2010, p. 16).

A formação crítica, eficiente e plena é a proposta do Ensino de Literatura pautada pela BNCC. E em conformidade com o documento norteador da educação brasileira, a Literatura deve promover uma imersão do aluno em obras diversas, objetivando uma formação amplamente eficiente e que culmine em um pensamento crítico, aberto às diferenças e ao pleno desenvolvimento das habilidades contemporâneas. Evitar o texto literário fragmentado, de modo superficial e/ou como pretexto para estudos linguísticos, matiza o uso da linguagem possibilitando um realce ao ensino e aprendizagem de literatura, como pontuado e orientado pelos PCNs:

[...] o tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (Brasil, 1998, p. 27).

Nesta proposição do Ensino de Literatura, avalio oportuno mencionar alguns pontos considerados frágeis no que se refere à seleção textual de leitura literária e carga horária oficial curricular para as aulas de literatura. Nesse ponto de vista, é perceptível e sempre passível de questionamento a seleção fragmentada de textos literários em geral, para explicar ou exemplificar o chamado conteúdo gramatical. Como docente da rede pública, percebo também, uma seleção textual literária posta nos livros didáticos, quase sempre de modo a presumir que os alunos já possuem um conhecimento literário prévio, o que nem sempre acontece, infelizmente.

Aliás, a experiência docente confirma que, em geral, a escola é o espaço onde as crianças têm seu contato inicial com a literatura, daí a importância da propositura eficiente do ensino literário, o qual aprecie e contemple o seu valor artístico e cultural, com a função de desenvolver a criticidade a partir das discussões da realidade sociocultural voltado ao aluno, presando pela garantia do acesso à literatura, como ponto de partida para as reflexões do mundo a sua volta, bem como das interações

interpessoais importantes e necessárias para a compreensão de si e do outro. Segundo Zilberman, a literatura proporciona o conhecimento do outro e, ao mesmo tempo, o conhecimento de si próprio (no caso do leitor).

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (Zilberman, 2009, p. 17).

Ainda em se tratando das fragilidades que optei em pontuar quanto ao Ensino de Literatura, notifico que embora perpetuado em nossa cultura de vida e de escola, ainda temos um Ensino de Literatura sem espaço adequado na carga horária escolar. No ensino fundamental, tanto nos anos iniciais como nos anos finais, a proposta do Ensino de Literatura é disponibilizada de forma muito subjetiva, uma vez que está atrelada à disciplina de Língua Portuguesa, o que inevitavelmente demanda uma não obrigatoriedade, ao mesmo tempo que sugere uma desvalorização da literatura enquanto componente curricular, deixando implícito o Ensino de Literatura como mero “pretexto” para análises gramaticais, ou de leitura, ou de escrita, o que claramente não conduz a um ensino literário, contrapondo-se inclusive com os pressupostos de fruição, os quais, segundo a BNCC, oportunizam aos estudantes o desenvolvimento da apreciação estética e sensível às experiências curriculares de valorização à literatura e outras manifestações culturais. Vejamos:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2017, p. 85).

É fato comum entre as normativas e orientações educacionais, que o Ensino de Literatura em sua função principal deve ser humanizador e, portanto, pautado em práticas literárias que incluam o texto literário de forma significativa e em todas as etapas da educação. Contudo, outro ponto divergente que a prática docente cotidiana revela quanto ao Ensino de Literatura na escola pública brasileira é a falta de conexão entre as séries iniciais e as séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Na

segunda etapa da educação básica, o ensino fundamental, em suas séries iniciais e finais, as orientações chegam aos alunos de modo que estes tenham oportunidade de formação leitora, voltada à formação do indivíduo e suas relações sociais.

É importante se pensar em formação cultural como um processo que permite uma relação importante entre leitor e obra que possibilita um desenvolvimento reflexivo da literatura, a medida em que o estudante se envolve com a obra e a explora a partir de vários ângulos, sem fugir do contexto da arte literária que pode e deve rumar para outras artes como o cinema, por exemplo, mas como campos complementares e não divergentes.

Percebe-se uma lacuna entre a educação literária e o Ensino de Literatura e o sujeito aprendiz, voltada à formação leitora, e sociocultural, direcionada ao sujeito e o conhecimento de si e do outro, presentes no Ensino Fundamental. Logo, essa falta de conexão é reflexo da pouca importância dada ao Ensino de Literatura, como pontua Rildo Cosson:

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras consideradas canônicas, mas também de protocolos de leituras que são próprios da literatura. Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como locus de conhecimento (Cosson, 2019, p. 15).

Portanto, as reflexões até aqui ponderadas dão conta da urgência de um Ensino de Literatura pautado no próprio texto literário, o qual proporcione reflexão e autonomia ao sujeito aprendiz. E que este, a partir da mediação docente e escolar possa compreender a literatura como prática social. Assim, o Ensino de Literatura deve prezar pelo diálogo com as mais diversificadas artes, compreendendo a historicidade e tradição cultural, ao passo que prioriza as particularidades artísticas, estéticas e linguísticas, numa constante reflexão entre autores, obras e público-alvo leitor. Portanto, o Ensino de Literatura, além de reflexivo, deve prezar pela amplitude, com cuidados especiais e singulares numa criteriosa escolha de textos literários, de forma a garantir que por meio da literatura os alunos ressignifiquem seus saberes, correlacionando criticamente os conteúdos estudados e contextualizando-os à realidade sociocultural na qual estão inseridos.

Assim, como Antônio Candido (2004) destaca, prezemos, pois, pelo “direito à

literatura”, a qual, segundo ele, é tão necessária ao espírito. Conforme o autor:

[...] não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (Candido, 2004, p. 174).

Como o autor anuncia, o universo da fantasia permeia o cotidiano humano e em algum momento prezamos por alguma forma de fabulação. Logo, a mediação promissora de leitura de literatura se faz imprescindível ao espaço escolar e ao sujeito aprendiz.

1.2 A literatura no ambiente escolar

A partir da minha experiência enquanto docente e pesquisadora no âmbito do Ensino de Línguas e de Literatura, aponto a escola como espaço privilegiado para aquisição sistemática do saber, e, no que tange à literatura, é responsabilidade da escola assegurá-la, de modo a contribuir com a formação integral da pessoa humana, embora o saber também possa ser sistematizado fora do espaço escolar. Tal qual nos diz a pesquisadora Teresa Colomer, quando nos fala acerca da escola enquanto espaço autêntico para a formação literária:

[...] o objetivo da educação literária na escola é, em primeiro lugar, contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordavam a avaliação da atividade humana através da linguagem (Colomer, 2007, p. 31).

A literatura deve estar a serviço da formação da pessoa humana, mediante suas interações sociais. Nessa perspectiva, é papel da escola incentivar e até convencer o aluno a ler. As estratégias e pedagogias da escola devem agir não somente de modo a considerar, mas sobretudo ampliar as perspectivas do sujeito aprendiz, conduzindo-o a ser um aluno leitor.

Para além das considerações voltadas à legitimidade da escola como lugar de promoção da literatura, volto minhas colocações para os desafios de acesso à literatura no ambiente escolar. Inevitavelmente, falar em literatura no espaço escolar implica mencionar as dificuldades de promoção efetiva da literatura na sala de aula.

Talvez, a lista nem seja tão grandiosa, porém os problemas são reais e se arrastam ano após ano pelas escolas públicas do país.

Professores não leitores de literatura; formações continuadas voltadas à literatura indisponíveis; escola e profissionais docentes sem acesso ou com acesso mínimo a obras literárias; falta de bibliotecas físicas; bibliotecas online inacessíveis, já que a maioria das escolas não possuem internet para os alunos; bibliotecas físicas transformadas em sala de professor, de reuniões ou almoxarifados; acervos não catalogados e/ou largados em estantes, mesas ou caixas inapropriadas; falta de bibliotecários ou bibliotecários despreparados (muitas vezes readaptados de outras funções escolares); entre tantas demandas que dificultam um ensino de literatura eficiente no ambiente escolar. Muitos são os desafios que a literatura enfrenta, no tocante a sua inserção plena e significativa nas salas de aula, principalmente nas turmas de anos finais do ensino fundamental, etapa escolar da educação básica em que notadamente se percebe uma desconexão dos estudantes com a literatura.

Quase que em contraponto aos desafios, pensando em literatura escolar, logo nos remetemos à ideia fabular e imaginária das histórias de fadas, lidas pela professora primária. Ou, ainda podemos ser remetidos à imagem nítida dos livros dispostos (quase sempre desordenados), nas estantes do espaço reservado à biblioteca da escola. Desta feita, cogitar literatura como algo de caráter fabuloso e fantástico é importante, coerente e verídico, visto que os fragmentos textuais literários dispostos nos livros didáticos escolares são, de fato, fascinantes e se perpetuam em nossa memória. É na escola que o ensino-aprendizagem de literatura acontece, ou pelo menos deveria acontecer. É nas salas de aula, por meio dos livros e da mediação docente que a literatura vai ganhando vida dia a dia em meio aos nossos alunos e suas mais diversificadas formas de aprender.

Apesar disso, é cada vez mais comum encontrar escolas e/ou salas de aula em que a literatura não tem protagonismo e sua finalidade de deleite e fruição acaba por se perder nos conceitos históricos e/ou gramaticais impostos pelo livro didático. Numa proposta de leitura literária a partir de fragmentos das obras, as quais são meramente pretextos e ilustrações conceituais de conteúdos curriculares preestabelecidos. Nesse sentido um dos mestres da teoria da literatura, Tzvetan Todorov, chama atenção para esse uso fragmentado da literatura na escola. Vejamos:

[...] a análise das obras feitas na escola não deverá mais ter por objetivo

ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico de literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos (Todorov, 2014, p. 89).

De acordo com o linguista Tzvetan Todorov, a literatura deve permitir que o aprendiz reconheça a si mesmo, enquanto ser humano passível de transformações a partir da leitura e do saber. A meu ver, no fazer pedagógico cotidiano, a leitura de literatura na escola tem atendido ao sistema, que por sua vez preocupa-se em conceituar e definir conteúdos curriculares que acabam por formar quantitativamente.

Uma prova disso são as avaliações externas, as quais, realizadas em larga escala e por amostragem, por tratar-se de avaliação em rede, nem sempre retratam a realidade. Internamente, nos ambientes escolares, onde deveria prevalecer uma leitura livre, crítica e prazerosa, as escolas desdobram-se em estratégias mirabolantes de assimilação de conteúdos que serão cobrados pelas avaliações de desempenho e, nesse ir e vir, os alunos acabam por não serem estimulados a uma prática de leitura de literatura descompromissada e que permita ao estudante tirar suas próprias conclusões textuais e de imaginação proporcionadas pela leitura escolhida por si próprio.

Apesar da crítica às avaliações sistemáticas, não as considero ruins. No entanto, como professora, lamento que elas ainda incitem à leitura mecanizada de trechos de textos, sem estímulo à leitura de fruição e em contraponto as orientações educacionais previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais pontuam que por meio da literatura, a partir da subjetividade, o aluno ascende na aquisição de conhecimentos. “[...] enraizando-se na imaginação e construindo novas hipóteses e metáforas explicativas, o texto literário é outra forma/fonte de produção/apreensão de conhecimento”. (Brasil, 1998, p. 27).

Em consonância com a teoria literária disponível, a leitura agradável conduz a um entendimento proficiente do que se lê. Por esse viés, é preciso insistir na leitura feliz e que possibilite a realização prazerosa do estudante. A fim de promover o acesso à literatura, o professor deve apresentar ao estudante obras diversas e permitir-lhe vivenciar sua própria interpretação, debruçar-se a seu próprio deleite mediante a realização de leitura literária competente e significativa, conectando a obra à sua realidade, num link estratégico entre escola e mundo que permita o diálogo entre leitor,

autor, obra e contexto. Nessa perspectiva de integração a proposta é de promoção e vivência de literatura, em que todo o ambiente escolar seja, constantemente, um espaço privilegiado de incentivo à leitura de literatura. Como bem nos orienta Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013, p.10),

[...] trabalhar sempre de modo integrativo, entendendo e pensando a leitura e a escrita literárias, o ensino de literatura, o sujeito leitor de literatura, a formação de professores, os materiais didáticos, os currículos e métodos de ensino de leitura e literatura como faces de um mesmo desejo: contribuir para a apropriação da leitura e da escrita (e, em particular, das leituras e escritas literárias) por sujeitos inseridos em espaços e tempos de educação formal e não formal".

É importante que a leitura de literatura seja rotina e que ocorra naturalmente nas salas de aula de todo país. Para que isso aconteça a instituição como um todo deve voltar-se a esse propósito; somente um ou outro componente da comunidade escolar dedicando-se a esse objetivo é interessante, mas muito provavelmente não será eficiente. Todos devem importar-se com a promoção da leitura literária. É certo que o professor tem o papel e até o dever de promover a leitura de literatura. Mas, é também indiscutível a função da escola em permitir e criar condições para o acesso e a promoção efetiva da leitura literária em prol de uma aprendizagem significativa e eficiente. Um aluno proficiente de leitura literária não é somente proficiente em Língua Portuguesa, mas em todas as áreas do conhecimento. "A literatura e a escola acumulam, de maneira diferenciada, as funções de informar, educar e dar prazer, [...]" (Michelli, 2007, p. 55).

Entendo a legitimidade da qual fala Michelli, como sendo a legitimidade que a escola tem de ensinar os conteúdos no sentido mais pragmático e o mesmo tempo educar por meio do deleite e fruição proporcionados pela literatura e assim conectar a vida à escola. A literatura no cotidiano escolar deve ser o ponto ápice de uma totalidade de esforços entre todos que fazem parte dessa comunidade. Docentes, alunos, gestores, coordenadores, profissionais de apoio, pais e a instituição educacional de maneira geral devem concentrar esforços que garantam uma aprendizagem total e plena, capaz de conduzir os estudantes a uma condição leitora cabal. E a partir da qual, tornem-se capazes de perceber, sentir, questionar e criar possibilidades diversas de leitura, com muitas e distintas interpretações que lhes permitam confrontar, relacionar e compreender a realidade a sua volta.

A escola precisa abrigar múltiplas formas de aproximação entre sujeitos e

livros, com oferta livre de tipos de texto, de diferentes linguagens, de atividades de leitura individual e coletiva, dando o livre arbítrio para que o aluno escolha o tipo de texto que deseja ler (Aguilar, 2006, p. 254).

Mais do que ter a função, acho que a escola tem propriedade para promover uma aprendizagem que se paute na informação e no cuidado com a pessoa humana. É preciso que se eduque de modo a associar com ludicidade o mundo dos estudantes e escola. Infelizmente, os livros e literatura de maneira geral, não fazem parte do cotidiano de nossos alunos. É preciso que a escola faça essa ponte entre a literatura e o aluno e promova esse contato de modo que os alunos tomem gosto pela leitura de literatura e a levem para a vida.

Portanto, de maneira geral, a leitura literária no espaço escolar deve apoiar-se na motivação e no deleite. Não se pode apreciar o que se desconhece. A efetiva leitura literária ocorre mediante a apreciação do que se lê. Logo, importante se faz que a escola crie oportunidades de leitura de modo que os alunos possam experimentar vivências de leitura literária e consequentemente dediquem-se a práticas de leituras que lhes proporcionem satisfação em apropriar-se das leituras realizadas. Desta feita, em consonância com as teorias discutidas acerca da literatura no espaço escolar, as minhas experiências docentes, na prática cotidiana de sala de aula me permitem e talvez até orientem a ponderar em favor da promoção da leitura literária a toda hora, em todos os espaços da escola. Somente promovendo incansável e constantemente a leitura de literatura poderemos vislumbrar um ensino completo e em plenitude, como prevê o principal documento normativo educacional do país, a BNCC.

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2018, p. 13).

Não se pode apreciar o que se desconhece; a efetiva leitura literária ocorre mediante o deleite do que se lê. Logo, importante se faz que a escola crie oportunidades de leitura de modo que os alunos possam experimentar vivências de leitura literária e consequentemente dediquem-se a práticas de leituras.

1.3 A leitura de literatura como função social

O capítulo que se segue reflete sobre a colocação e relevância da literatura na sociedade, entendendo que esta tem, ao meu ver, o propósito social de provocar o leitor a novas perspectivas, tornando-o ser humano capaz de compreender o mundo a sua volta e, por consequência, reverter as imposições que por ventura lhe sejam destinadas. Pelo viés do empoderamento, as reflexões teóricas dão conta de que a literatura sempre esteve conosco, ora como instrução, ora como entretenimento e, a partir do ambiente escolar se estende para a sociedade como mediadora da reflexão, da criticidade e do entendimento do mundo.

Não é de hoje que a literatura faz parte do currículo escolar. Sua presença é registrada entre os sumérios, povo que ocupou e colonizou a região da Mesopotâmia há mais de 5.000 anos. Os sumérios dispunham de instituições encarregadas de transmitir a crianças e jovens a tradição em verso e prosa constituída por hinos e narrativas. Para eles, o ensino da matéria verbal que, com o tempo, toma o nome, primeiro, de poesia e, depois, de literatura tinha instintos religiosos. O ensino de literatura se tornará laico só bem mais tarde, em outro local – a saber, na Atenas do século V a. C., onde assumiu finalidade igualmente pragmática, pois estava voltado para a aprendizagem da gramática e da retórica, visando o adestramento de oradores para a vida pública (Macedo, 2021, p.48).

Refletindo sobre o texto supracitado e fazendo-lhe, pois, justiça aos bons préstimos destinados ao ensino e aprendizagem de literatura é possível enxergar o crescimento da literatura em meio aos povos ao longo da história, a qual de forma gradativa foi conquistando espaço de destaque. A crescente da literatura na terra se fez por sua importância na formação humana, nos apresentando os encantos versados, cantados ou instrucionais.

Na perspectiva de conciliação, auxílio e empoderamento, a literatura fez parte da sociedade ao longo da história. “A laicização da literatura, instalada com o Romantismo, muda a concepção da leitura” (Caldin, 2021, p. 47). Tida como prática social, a leitura literária apresenta-se aos aprendizes como oportunidade de apropriação de valores sociais, a fim de aceitá-los ou não, conforme suas próprias interpretações do mundo que os cerca. A literatura em sua função social, implica em admiti-la como meio legítimo do qual asseguramo-nos em arriscar-nos pelo desconhecido para desbravá-lo, interpretá-lo em prol das realizações do saber a partir da leitura.

Muito mais que uma ferramenta de aprendizagem, a literatura é caminho para aquisição do conhecimento próprio das coisas à nossa volta e, desta feita, apresenta-se aos povos como recurso para um entendimento essencial e claro à vida em sociedade. Pelo olhar da essencialidade, em sua função social de proporcionar aos usuários empoderar-se a partir do conhecimento, logo, se faz importante ressaltar nas escolas os preceitos apontados na BNCC, os quais determinam apropriar-se do saber literário desde os anos iniciais de frequência escolar.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo (Brasil, 2018, p. 58).

A leitura de Literatura, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental, tem sido pautada nas análises das atividades e estudos metalinguísticos e de níveis de leitura. Infelizmente, enquanto docentes do ensino básico, na rede pública, temos testemunhado um sistema imerso em metodologias pragmáticas e por demais objetivas que inevitavelmente dispensam as discussões voltadas à formação de leitor ao letramento literário e às especificidades, nuances e prazeres da leitura literária. Por conseguinte, resta-nos, na maioria das salas de aulas Brasil a fora, atividades de leituras superficiais. Por esse prisma, nos valem da função social da literatura que se encaixa perfeitamente às práticas que sustentem o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que favorecem o desenvolvimento de habilidades voltadas à criticidade, à valorização cultural, bem como da sociedade de maneira geral.

A literatura produz conhecimento, não porque esteja na escola, mas por dar conta de épocas, geografias e estilos de vida que não vivemos, mas que têm estreitas relações com o que somos hoje. A busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor. Nem tudo o que se lê na escola precisa ser discutido, interpretado e avaliado dentro dos padrões estabelecidos pelo contexto escolar (Paiva, Maciel, Cosson, 2010, p.42).

Historicamente, os alunos leem pouco, somos um povo que lê minimamente, sobretudo, os cânones literários. É importante que a articulação docente atente por

buscar o que os alunos estão lendo, encorajá-los a partilhar suas experiências leitoras fora do espaço escolar e trazê-las para a escola. A ideia é que a escola conecte os gostos e o mundo do aluno ao chão da escola. O acesso à literatura pela crítica, como defende Todorov que também preza pela leitura e apreciação de obras, as quais devem ser apreciadas, seguradas, lidas, interpretadas.

O caráter pensante, fabular, imaginário, reflexivo e livre da leitura literária certamente permitirá um tratamento mais sutil e cuidadoso a temas polêmicos, aliás, todas as ciências devem prezar por essa tentativa, mas somente a literatura poderá assumir esse papel com mais propriedade e eficiência. Contudo, a literatura assumindo o seu caráter social é também formativa, no sentido de fundir escola e sociedade e, por meio dela, o aluno pode trabalhar sua individualidade e compreender melhor seus sentimentos, além de entender seu espaço na sociedade, formar opiniões críticas e refletir sobre a realidade do mundo e da sociedade qual pertence.

As histórias clássicas, de um modo geral, falam de experiências universais partilhadas pelos seres humanos nos mais distintos espaços geográficos e históricos: a saudade, a inveja, o ciúme, a traição, o amor. Enfim, em contato com os clássicos, o leitor tem a possibilidade de conhecer e compartilhar das diferentes dimensões da experiência humana, dos imaginários de outros povos e de outras épocas, mesmo sem nunca tê-los vivenciado. De tal modo, a leitura dos clássicos confere aos leitores a possibilidade de enxergar a realidade de maneira ampliada, para além de seu restrito meio social, o que podemos definir como experiência de leitura (Paiva, Maciel, Rildo, Cosson, 2010, p.42).

A leitura, de maneira geral, permite ganhos e ampliação das aprendizagens dos leitores. Entretanto, os esforços entre os membros ativos da comunidade escolar: professores, alunos, pais, equipes de apoios, entre outros, devem promover (será que sempre promovem?) um diálogo sadio entre leitor, autor e texto, auxiliando aos aprendizes na percepção, compreensão e crítica construtiva do texto. Alunos que apesar da resistência encontrada na maioria dos jovens aprendizes, se dispõem a partilhar experiências de leituras, as quais a partir das discussões promovidas reconhecerão a importância de diferentes graus de leitura e pouco a pouco formarão uma identidade leitora. A escola, não deve eximir-se do seu papel de ensinar a ler e escrever, mas assumir também o papel extensivo à vida do aprendiz de fazer uso eficiente da leitura como prática social, como chama nos atenção (Martins, 2019, p. 25) “[...] é preciso redimensionar o papel da leitura, recuperando a sua extensão social, uma vez que, ao fazer uso competente da leitura, o indivíduo alcançaria um dos mais

importantes mecanismos de interação e inserção social”.

Muito mais que em tempos remotos, a contemporaneidade exige a presença constante e real das muitas possibilidades de apreensão do conhecimento que a literatura é capaz de proporcionar. A didatologia demasiadamente imposta pelos currículos, a imprensa cheia de blogs e propostas superficialmente “literárias”, as possibilidades de lazer imediatista e aceleração do mundo digital pressupõem que cada vez mais necessitemos de uma promoção de leitura literária num viés social. Ou seja, uma prática social de leitura literária que respalde o ensino-aprendizagem de literatura.

O espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também uma crise, onde as páginas literárias se estiolam; nos lares, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros. Tanto que a transição entre a leitura infantil – que não se porta mal, com uma literatura para a juventude mais atraente que antes – e a leitura adolescente, julgada entediante porque requer longos momentos de solidão imóvel, não mais está assegurada (Compagnon, 2012, p. 25).

Portanto, mediante as reflexões até aqui ajuizadas, de acordo com as discussões provocadas pelas teorias e pressupostos acerca da leitura literária como função social e em parceria com as experiências proporcionadas pelo cotidiano docente, posiciono-me em conformidade com estudos e estudiosos, no sentido de que a função social da literatura é conectar as leituras e vivências escolares as leituras e realidades do mundo dos aprendizes, numa perspectiva de interpretação e compreensão do mundo que os cerca e consequentemente lhes dar subsídios intelectuais e humanísticos que lhes permitam posicionarem-se com competência e criticidade. Em concordância, pois, com a Professora Teresa Colomer, em seu livro *Andar entre livros*: que nos propõe uma reflexão de modo consensual em meio a educação, “[...] a busca de um novo modelo de ensino literário se inicia com um certo consenso na reflexão educativa das últimas décadas: o objetivo é desenvolver a competência interpretativa e é necessário fazê-lo através da leitura”.

1.4 A Literatura e a mediação de leitura na escola

Em se tratando das considerações voltadas à mediação de leitura na escola, a experiência docente revela que a leitura literária deve ocupar lugar de destaque no ambiente da sala de aula de forma contínua e não em momentos esporádicos. A interferência da leitura no espaço escolar deve pressupor o caráter motivacional e aguçado da literatura enquanto arte, em suas mais distintas formas e cores, versos e prosas, ou seja, em seu sentido mais amplo e pleno.

Nessa perspectiva, a escola carece de estratégias que garantam o desenvolvimento de práticas cotidianas de leitura literária, voltada à valorização de competências e habilidades que fomentem nos aprendizes uma formação cultural e humana, como preconizado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). As vivências de sala de aula nos permitem dizer que as normativas presentes na BNCC culminam em um trabalho cotidiano de “formiguinhas”, realizado todos os dias pelos professores nas salas de aula Brasil a fora, mas que ainda carecem de incentivo e valorização.

A ausência de obras literárias disponíveis nas escolas exemplifica essa realidade. No entanto, a partir do exercício docente cotidiano, reitero a necessidade de se continuar prezando pelo caráter humanístico, pelejando por entender as particularidades e características do ser humano, bem como pelo caráter humanizador, com pretensões voltadas ao interesse da coletividade, que a literatura é capaz de proporcionar à escola e sua comunidade.

Por meio da literatura, a escola é capaz de possibilitar aos seus aprendizes condições de trabalhar suas dimensões individuais e coletivas. Imersos no mundo da fantasia e da natureza fabular da ficção, os estudantes terão condições de conhecerem o mundo a sua volta e posicionarem-se a respeito de si e do mundo a sua volta. Nas palavras de Irandé Antunes: “A atividade de leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor [...]” (Antunes, 2003, p. 70). Nessa perspectiva, a escola deve prezar por estratégias e medições de leituras que condicionem práticas rotineiras de leituras literárias, ou seja, práticas pedagógicas que estimem a leitura baseada em fruição e deleite, proporcionando aos alunos ampliarem seus conhecimentos em torno do seu próprio eu e também daqueles que o cercam, posicionando-se de forma crítica e construtiva.

A mediação de leitura na escola, pelo viés da literatura é o caminho mais propício ao desenvolvimento da aprendizagem significativa de fato. Desta feita, tornar a leitura sedutora e envolvente, a partir do aspecto da afetividade, pode ser uma tática

pedagógica pertinente ao cotidiano da sala de aula, que numa realização diária de ludicidade, significação e ressignificação de si e do outro, constroem uma relação de afetividade com as leituras que fazem, lhes permitindo uma espécie de reconstrução do texto lido, numa perfeita atividade de compreensão textual, ou como diria a escritora francesa Michèle Petit: “Os leitores são ativos, desenvolvem uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto” (Petit, 2013, p. 43). Indiscutivelmente, os leitores devem gostar do que leem, sob pena de não prosseguirem na leitura, na interpretação, aceitação. A mediação de leitura, pelo viés da cordialidade, é justamente conduzir o aluno a uma aproximação feliz com o texto e suas infinitas possibilidades.

Considero extremamente valiosas e plausíveis ao processo de ensino-aprendizagem as reflexões em torno da afetividade e cordialidade em prol de práticas pedagógicas que propaguem na escola o gosto pela leitura, inclusive sou adepta dessas práticas no cotidiano de minha profissão docente. Entretanto, devo manifestar-me pontuando que no exercício de sala nem sempre é assim tão simples. Infelizmente, embora as crianças se encantem pelo universo das contações e das leituras contistas e fabulares proporcionadas pelos professores e escolas na etapa própria da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, chega um momento que parece que “perdemos a mão” e as táticas de leitura parece não funcionar.

Em algumas turmas mais, em outras menos, não se tem uma regra, claro, mas o fato é que nem sempre a leitura (ou somente a leitura) consegue produzir o efeito desejado de produzir aprendizagens significativas e prósperas, mesmo com estratégias e mediações de caráter afável. A esse respeito Teresa Colomer, manifesta-se assim:

Seja como for, um dos aspectos mais espetaculares do fracasso do estímulo à leitura é a rapidez com que as crianças passam para o outro lado da barreira. Em seus primeiros anos de vida todos respondem afetiva e esteticamente à palavra e à narração de histórias, mas quando se aproximam dos oito ou nove anos já são muitos os meninos e meninas que dizem “é que eu não gosto de ler”. Não deixa de ser verdadeiramente surpreendente mudança tão radical em tão pouco tempo. A aprendizagem escolar talvez tenha muito a ver com isso. Em geral, as crianças quando chegam à escola não estão acostumadas a fracassar. Aprender a ler e escrever é, para muitas delas, a primeira experiência de que podem não alcançar as expectativas do que delas se espera. E, rapidamente, criam defesas para proteger sua autoestima (Colomer, 2007, p. 102-103).

A citação supracitada embasa as nossas colocações de que nem sempre se consegue obter êxito no processo de ensino-aprendizagem de leitura, e entre tantos pontos passíveis de reflexão e estudos, dois em especial chamam atenção. Primeiro, acho que é humanamente normal e perfeitamente compreensível que aprendamos em momentos e formas distintas de nossas vidas. Segundo, as defesas criadas pelos próprios aprendizes para proteger sua altivez, caracterizam a essência própria da natureza humana. Apesar disso, devo ressaltar que a experiência docente, testemunha que essa “proteção de autoestima” quando passada despercebida e sem mediações leitoras adequadas, podem se arrastar por toda vida escolar da criança e consequentemente por toda vida humana, causando danos muitas vezes irreversíveis. Um outro ponto envolvendo a mediação de leitura na perspectiva literária é o professor.

O docente do Ensino Fundamental, sobretudo o educador da rede pública de Língua Portuguesa, precisa sempre ser um mediador de leitura ficcional, uma vez que os currículos pré-estabelecidos nacionalmente não preveem de forma específica uma disciplina “Literatura”, consequentemente, ou o professor é um medianeiro de literatura, ou não existe Ensino de Literatura. E isso não quer dizer que não tenhamos Ensino de Literatura, inclusive um dos documentos norteadores da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), é expressiva em apresentar a literatura como parte importante da formação escolar já desde a Educação Infantil.

Desde cedo a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores [...] (BRASIL, 2018, p. 40).

Entretanto, o ensino de literatura, mediante a exploração dos gêneros textuais, é habitualmente utilizado como pretexto para estudos gramaticais, linguísticos e afins. Logo, a mediação de leitura literária é pertinente e necessária a fim de melhorar o processo de ensino-aprendizagem de modo geral, e quem sabe usar mais os “gêneros literários” em vez de os “gêneros textuais”.

Claro que tecnicamente o Ensino de Literatura, inserido na disciplina de Língua Portuguesa, tem produzido bons frutos no âmbito da disseminação de leitura literária.

Todavia, não se pode negar que o ensino de Língua Portuguesa prioriza os estudos de gramática, escrita e decodificação, exigindo dos docentes intervenção pela literatura. Logo, um professor mediador é um professor leitor de literatura, ou seja, um docente que aprecia a literatura e preocupa-se em propagá-la para seus alunos frequentemente nas atividades e experiências interdisciplinares de sala de aula, de modo a deixar transparente e envolvente as particularidades fantásticas e fabulares da ficção. Antônio Candido diz que a Literatura enquanto arte é uma transposição do real para o imaginário:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (Candido, 1972, p. 53).

De fato, acho que o crítico literário supracitado é muito feliz em manifestar-se quanto à literatura como transposição do real para o imaginário. Na escola, o professor-mediador é aquele que faz essa ponte entre a realidade e a imaginação do aluno, visível a partir do mundo fabular da arte literária.

A escola precisa acatar a mediação de leitura a partir da literatura, também pela estratégia da contação e/ou apresentação de histórias, mediante estratégias de leitura literária, por meio de conjecturas e metodologias, a partir das quais os estudos dos gêneros literários, trabalhados de forma contextualizada, considerem a cultura, a vida e a sociedade do aprendiz de modo a formá-lo em plenitude, como preconiza Marcuschi (2002, p.19) a respeito dos gêneros literários: “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”.

1.5 Formação de leitor literário no espaço escolar

O dia a dia escolar é intenso para alunos e professores. Nesse sentido, um ambiente literário acolhedor que simultaneamente desperte no aprendiz interesse pela leitura e compreensão do texto lido é o grande desafio. Estratégias em torno da ludicidade, usos de recursos tecnológicos, entre outras variam e na busca incansável de tornar o aluno leitor. No entanto, não é incomum encontrar alunos que repetem a clássica frase “não gosto de ler”, afirmando categoricamente que ler é chato, cansativo, etc. Mais uma vez, relembremos os ditos da pesquisadora espanhola

Teresa Colomer, a qual, na obra *Andar Entre Livros* (2007), chama nossa atenção para o fato de que em tempos modernos o Ensino de Literatura diverge do Ensino de Literatura de outrora, visto que os interesses de agora diferem dos interesses de antes. Discursos urgentes voltados ao uso da tecnologia, o desfavorecimento da aprendizagem e práticas literárias e o favorecimento demasiado dos usos linguísticos implicam numa comunidade escolar e humana carente de leitura por deleite, fruição e gosto, somente pelas quais poderemos construir uma sociedade mais igual.

Finalmente, o desajuste escolar se devia também a modificações na maneira das obras literárias circularem na sociedade. Os mecanismos modernos de produção editorial e consumo multiplicaram os livros; a internacionalização do mercado e a cultura os difundiu de maneira distinta e a evolução das tendências artísticas em direção ao jogo intertextual completou um panorama configurado por uma grande quantidade de obras, que aparecem em um mesmo momento em muitos lugares, em diferentes idiomas e que se escrevem e leem no contexto de sistemas artísticos e ficcionais muito inter-relacionados. Este fenômeno dinamitou a antiga função da escola de transmitir um corpus literário nacional, limitado, ordenado e valorizado segundo uma tradição uniforme, essencialmente literária; de modo que a literatura fortaleceu sua imagem de bem cultural de acesso livre para todos: um bem que se escolhe segundo os interesses pessoais de cada um e que é suscetível de produzir uma satisfação imediata (COLOMER, 2007, p. 23).

Diante da infinidade de leituras que a sociedade contemporânea oferece, considero formidável que a escola oportunize ao alunado enxergar o livro com olhos de alegria e encantamento. Mas, em contraponto a ampla circulação midiática e digital da literatura, o livro em sua forma física tradicionalmente conhecida, palpável ao aluno, sobretudo no espaço escolar, com a supervisão “clínica” do professor, deve ser preservado, inclusive com vistas ao parâmetro de nivelamento idade/série. Ainda em comunhão com as colocações da autora na citação supracitada, em termos de acesso a literatura, também considero que a tecnologia tem facilitado a disponibilidade e o acesso a obras literárias nas escolas públicas da educação básica do Brasil.

Nessa perspectiva de validar a importância da formação do leitor literário no espaço escolar, ressaltamos que historicamente o ensino da leitura na escola brasileira foi regido por abordagens tradicionais que enfatizaram a decodificação dos signos, sem valorizar o sentido. Nas últimas décadas, os parâmetros da leitura literária, norteados por programas de avaliações, se propuseram a melhorar os índices de leitura no país e, embora haja críticas voltadas a questão classificatória das avaliações instituídas pelo Ministério da Educação (MEC), constata-se que o ensino de leitura é, indiscutivelmente, parte fundamental do ensino-aprendizagem na

educação do Brasil e na efetiva formação de leitores nas escolas. Uma vez que esta precede a leitura por decifração e pressupõe uma leitura ampla e constante durante o processo de desenvolvimento da aprendizagem. Nesse sentido, os estudos voltados à formação leitora, pressupõem uma leitura que evite o texto meramente informativo ou com a finalidade de buscar respostas prontas, mas que evidenciem as pessoas e seu contexto social, sua vida, seu mundo, num Ensino de Literatura que de fato faça sentido para os estudantes, conforme Teresa Colomer (2007, p. 31), devendo primeiramente:

[...] contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (Colomer 2007, p. 31)

A partir do entendimento de que formar leitores literários é oportunizar aos aprendizes nos espaços escolares apropriar-se da linguagem de forma significativa, a leitura de literatura, por meio de textos diversos, permitirá aos alunos uma aprendizagem, embora livre, um tanto mais construtivo e crítica de si e do mundo que o cerca.

Prezar pela formação de sujeitos leitores e não alguém que apenas decifre os códigos e letras e, por consequência, não encontrem significados e/ou não compreendam o que leem, pressupõe um trabalho que valorize o real significativo da leitura de literatura na escola, a qual pautada na prática social, no exercício escolar diário de compreender a si, enquanto indivíduo e também ser social. Como em: “a experiência da leitura literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (Cosson, 2006, p. 17). A escola é de fato o espaço legítimo para disseminação da literatura no processo de formação leitora, consolidando aprendizagens individuais e coletivas.

Na perspectiva de formar leitores e de prezar pelo processo de ensino-aprendizagem que valorize uma educação plena em que a partir dos textos literários o sujeito possa conhecer a si e ao outro. A esse respeito, um dos mestres em Teoria da Literatura, Rildo Cosson, manifesta-se sobre a importância do letramento literário assim:

O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de

si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2007, p. 23).

Cosson conceitua o letramento literário como prática social, ao mesmo tempo que responsabiliza a escola por tal prática. Por esse prisma, a literatura me parece o caminho mais acessível do qual a escola disponibiliza para promoção da leitura autônoma e descompromissada, ou seja, formar leitores literários é a forma mais próspera para a construção do saber.

Portanto, os estudos e teorias discutidos e analisados permite-nos considerar ser de fundamental importância para o processo de ensino aprendizagem que educadores trabalhem numa perspectiva de formar leitores de literatura. Que é papel da escola criar condições, estratégias e possibilidades que oportunizem uma aprendizagem de fato significativa de literatura e de seus mais diversos gêneros literários. E, por esse prisma, formar-se-ão leitores críticos e reflexivos que discutam e valorizem-se, ao passo que estimem os seus semelhantes, prezando por uma sociedade mais humana e igualitária.

CAPÍTULO 2 – O GÊNERO LITERÁRIO CONTO DE FADAS

2.1 Abordagens e particularidades

A literatura infanto-juvenil teve seu marco inicial no século XVII, quando o poeta francês Charles Perrault publicou os *Contos da Mamãe Gansa* (Coutinho, 1986), iniciando-se, pois, uma história de fantasia e encantamento que se perpetua até hoje. Em meados do século XIX, o jornalista Alberto Figueiredo Pimentel apresentou ao universo da literatura infantil o primeiro livro do gênero “O Conto da Carochinha”, o qual expunha adaptações do folclore mundial. Aqui no Brasil, a Literatura infantil surgiu entre os séculos XIX e XX, por meio das traduções e livros didáticos. A respeito da literatura infanto-juvenil no Brasil, Maria do Rosário L. Mortatti diz:

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e o início do século XX, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às nossas crianças de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana devida e necessárias do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo (Mortatti, 2001, p. 178).

Desta feita, a literatura infanto juvenil brasileira ocupa-se em suavizar medos, incertezas e problemas reais da vida humana, surgindo como auxílio ao enfrentamento dos medos e inseguranças, uma vez que questões de cunho moral e social podem ser difíceis de compreensão, sobretudo para crianças. Nesse sentido, o universo dos contos de fadas apresenta-se como opções plausíveis a serem consideradas, a fim de oportunizar as crianças, por meio das resoluções conflituosas dos contos, o encorajamento de encararem seus próprios conflitos.

Ao longo da história, os contos de fadas manifestaram-se em meio a cultura popular, numa crescente de desenvolvimento literário que muito tem contribuído com o processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes. São narrativas que pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular (Machado, 2018, p. 27). "Essas histórias funcionam como válvula de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência."

Provenientes da oralidade, o conto de fadas está presente em todas as fases da vida humana, como gênero literário narrativo que conta histórias do universo popular,

desde a antiguidade. Os traços característicos dos contos de fadas giram em torno de elementos sobrenaturais, com personagens encantados e encantadores como gnomos, duendes, bruxas, príncipes e princesas que facilmente atraem a atenção e identificação dos interlocutores. São textos de popularidade atribuída a sua capacidade de auxiliar as crianças a compreenderem o mundo que as cerca, permitindo-lhes entenderem de modo mais ameno questões morais complexas como vida e morte, bem e mal, virtude e imoralidade, de forma inconsciente.

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado (Fiorussi, 2003, p. 103).

Embora sucinto, o conto de fadas possui uma narrativa capaz de criar uma ampla diversidade de acontecimentos e seres fictícios, trabalha as mais diferentes temáticas e trata com leveza a vida e seus mais diversos prismas. Em seus aspectos característicos, o gênero literário contos de fadas possui uma estrutura fixa bem definida. A introdução, na qual encontra-se o contexto da história: é nessa parte do texto que podemos identificar os personagens, o espaço e o tempo em que as ações ocorrem. O desenvolvimento: é nesse momento da narração que surge o conflito que por sua vez modifica o estado inicial da história, provocando os personagens a resolvê-lo. A terceira parte é o clímax, que é o ápice de tensão da problemática enredada e a partir do qual encaminha-se a conclusão, quarta e última parte da narrativa, parte do texto em que acontece o desfecho da história.

Denominados de contos de fadas somente a partir do século XX, esse gênero textual era chamado de “Contos da Carochinha” ou conto popular para crianças (Schneider e Torossian, 2009), o que implica dizer que há mais de cem anos esses textos estão presentes no espaço escolar. De fato, quem nunca viu na escola um cartaz que apresentasse uma princesa em seu castelo deslumbrante? Ou seja, por meio dos contos a escola possibilita aos alunos exporem seus sentimentos sem constrangimentos.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver

profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 1999, p. 17):

Como sinalizado na citação, a efabulação e histórias dos contos afloram as emoções e provocam vivências literárias significativas. A partir da leitura dos contos de fadas os leitores são conduzidos a entrarem no mundo da fantasia, despertando-lhes para a resolução de questões reais de maneira mais leve e criativa.

As particularidades dos contos de fadas podem contribuir com o despertar criativo das crianças. Uma característica particular, a inventividade estética, é outra marca dos contos de fadas, que por sua vez também contam com a simplicidade vocabular e lógica, capaz de encantar tanto o público infantil quanto o adulto. Há, ainda, a presença constante de elementos sobrenaturais, mágicos e envolventes que agem em torno de grandes aventuras vividas por uma jovem e bela princesa, a qual, auxiliada por uma fada madrinha, consegue resolver situações conflituosas e alcançar o êxito final, quase sempre de caráter imaterial. Visto que um dilema existencial posto de modo breve e categórico descomplica problemas graves sem confundir o assunto para as crianças. “O conto de fadas simplifica todas as situações” (Bettelheim, 2002, p. 7).

Dentro do gênero literário narrativo, o conto de fadas tem um estilo individual bem singular, é um marco da literatura infantil que possui características e personagens próprios. Imersos na fantasia, os contos de fadas perpassam tempo, história, sociedade ou cultura. E ao passo que encantam crianças e adultos, trabalham os valores morais de conduta e convívio social.

Os contos clássicos infantojuvenis não eram exatamente destinados ao público infantil e/ou juvenil. Surgidos na França, refletem o contexto histórico e sociocultural francês do século XII, no qual não existia uma preocupação sensível aos sentimentos infantis, já que as crianças eram tidas como adultos em miniatura. A princípio Perrault (1628-1703) permeou suas histórias de conteúdo do imaginário adulto, com cenas fortes de adultério, exposições sexuais e canibalismo. A partir do século XVII começaram a surgir em formato moldado pelo universo das crianças, com narrativas que permeiam o imaginário infantil, mediante a contação de histórias por babás e cuidadoras. Atitude que até hoje é bem vinda como estratégia pedagógica para o despertar do gosto literário, a contação de contos, estimula os estudantes à leitura e a expressarem-se em relação a seus pensamentos e atitudes.

Aos poucos os contos de fadas foram sendo adaptados com vistas aos sentimentos das crianças. Já no século XVIII, autores como Jacob e Wilhelm Grimm apresentavam estudos textuais que permitiram a publicação dos *Contos de fadas* para crianças e adultos. Entre eles: *A Bela Adormecida*, *Os Sete Anões e a Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O Corvo*, os quais foram publicados em formato adaptado, incluindo finais felizes e sem a presença de desfechos trágicos com reflexos considerados cruéis para as crianças, daí as clássicas expressões “era uma vez” e “foram felizes para sempre” características marcantes dos contos de fadas. Bem aceitas pelo universo da literatura, as novas adaptações davam aos contos uma leveza e encantamento que uma vez contadas às crianças permitiam uma viagem em seu próprio imaginário.

Esses contos, quando éramos crianças, nos introduziram num universo encantado cuja admirável magia nos permitiu dar impulso à nossa imaginação cada vez que as dificuldades da vida real ameaçavam nos abater, o que era freqüentemente o caso [...] as esperanças, mantidas pelos contos de fadas, nos permitiam superar corajosamente as adversidades, fossem elas reais ou imaginárias [...] se tivéssemos ficado por conta própria, nossos sonhos seriam limitados por imagens de cólera e vingança, por satisfações que teriam sido limitadas ao campo muito restrito de nossa experiência. Os contos de fadas graças à sua imensa variedade de acontecimentos e situações, graças às suas ricas - e muitas vezes ricas demais - descrições de prazeres, nos permitiram tecer à sua imagem fantasias otimistas que nos arrancavam de um mundo no qual nós estaríamos bem mais descontentes de habitar (Bettelheim, 1980, p. 7-9).

Corroboro com as considerações do autor, pontuando que, os contos de fadas provocam no ouvinte e/ou leitores um encantamento capaz de auxiliar nas adversidades do mundo real. Ler contos de fadas e inseri-los no cotidiano dos estudantes é oportunizar o exercício pleno da leitura de literatura, ao mesmo tempo que aguça o imaginário infante na perspectiva da interpretação, da criatividade e da aprendizagem de modo geral.

Entretanto, como já explicitado na parte introdutória deste trabalho, os alunos das séries iniciais apreciam veementemente os contos de fadas e, ao chegarem à série de transição, o 6º ano do ensino fundamental, desprezam esse gênero textual. Assim sendo, oportunizar a este público alvo um contato especial com esses textos pode reavivar o interesse dos alunos e lhes permitir, a partir do deleite, se habituarem à leitura como fonte não só de entretenimento, mas também de conhecimento.

Trata-se de permitir aos aprendizes do 6º ano do ensino fundamental a percepção de que este gênero textual ilustra situações atemporais, sempre presentes na história humana, independentemente de questões religiosas, políticas ou culturais e que traz um final feliz como forma de consolo a todos que enfrentam situações semelhantes às vencidas por suas personagens protagonistas. Por essa concepção, o conto de fadas, além de arte literária, é para as crianças uma fonte de esperança no futuro. Todos nós fomos crianças um dia; daí a explicação da perene fascinação que esse gênero exerce em nós.

Os contos de fadas apresentam narrativas que expõem uma situação de equilíbrio e conflito passíveis de reflexão aos alunos sobre suas próprias questões. Além disso, contribuem para o desenvolvimento subjetivo das crianças, possibilitando o entendimento de que sempre existirá a luta contra o bem e o mal, ou seja, na vida as dificuldades são inevitáveis e, não se intimidar diante delas e enfrentá-las a fim de alcançar vitória (Bettelheim, 2002). Aos contos de fadas importam prender a atenção dos aprendizes, despertando sua imaginação e criatividade.

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (Bettelheim, 2008, p.16).

Tal como citado pelo autor reitero que as crianças se identificam com as histórias dos contos, para elas essas narrativas são inspiração. Instigar a leitura literária de contos de fadas é uma tarefa escolar simples, mas eficiente em prender a atenção dos alunos. Logo, contos de fadas e escola formam uma parceria de sucesso em prol do sucesso na aprendizagem dos alunos. É preciso que a escola promova o hábito pela leitura literária, que de alguma forma desperte nas crianças o interesse pela literatura. Todavia, o encantamento pela literatura somente será efetivo se houver inspiração. Nessa perspectiva, os contos de fadas aparecem como oportunidades de estímulo ao hábito leitor.

Em geral, os contos de fadas permitem às crianças o primeiro contato com a literatura, e na maioria das vezes, esse diálogo somente é possível na escola, visto que nem sempre essa influência ocorre no ambiente familiar. É na escola, por meio dos educadores que os alunos são estimulados à imaginação e a criatividade capazes de compreenderem suas emoções.

Enquanto diverte a criança, o conto esclarece sobre si mesmo”, favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferecem significados em tantos níveis diferentes e enriquecem a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança (Bettelheim 2005, p.20).

Os contos de fadas possibilitam que as crianças compreendam a si e aos que cercam. Por meio desse tipo de literatura, os alunos despertam suas mais variadas emoções, auxiliando inclusive, na formação da personalidade. A escola deve conduzir o aluno ao fascínio que é a literatura. O encantamento e a magia dos contos de fadas é um elo que conecta os aprendizes para o hábito leitor literário.

O conto de fadas é de natureza *espiritual/ética/existencial*. Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa destino (Coelho, 2003, p. 173).

A citação enfatiza a realização interior do ser humano, pontuando sobre as questões relacionadas ao destino e à realização de sonhos e ideais. Em corroboração com a autora, pontuo que os textos denominados contos de fadas são narrações breves em que o “maravilhoso” permeia a sua composição, os elementos mágicos ou sobrenaturais transitam pela narrativa sem necessidade de explicações, as intervenções sobrenaturais que ocorrem na história não causam estranhamento aos personagens, ao narrador e nem mesmo ao leitor. Aos personagens, lugares e tempos recaem sempre a clássica expressão genérica do “*era uma vez*”, sem determinação histórica temporal concreta. É nesse tipo de conto que ocorre sempre um “*final feliz*”, quase sempre muito aguardado pelo leitor, ocorrendo ainda, uma moral da história.

Aos contos de fadas importam prender a atenção dos aprendizes, despertando sua imaginação e criatividade. É uma narrativa curta que considera em seus elementos mais importantes os personagens (seres que ganham vida), o narrador (personagem,

observador ou onisciente – sabe tudo o que acontece), o tempo (determinado), o espaço (implícito ou explícito), o enredo (sequência de acontecimentos) e o conflito (situação gerada por uma das ações iniciais).

Embora existam já há muito tempo, as histórias narradas nos contos de fadas ainda encantam e interessam crianças e adultos. São histórias imersas em um mundo maravilhoso e cheio de encantos em que bruxas são dominadas e fadas e duendes ganham facilmente a atenção dos ouvintes/leitores. Os contos de fadas têm o poder de auxiliar crianças e adolescentes a lidarem com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento e na busca por respostas para seus próprios conflitos. Segundo Bettelheim:

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fada será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seus interesses e necessidades do momento (Bettelheim, 2008, p. 20).

Como enfatizado pelo autor, os contos de fadas são textos singulares plausíveis de compreensão em sua plenitude. Cada conto permite uma compreensão específica à cada criança, conforme seus próprios interesses e necessidades. Portanto o conto de fadas é um dos gêneros literários que pode ser muito útil como instrumento para o ensino-aprendizagem de leitura no ensino fundamental, pois, engloba o auditivo, o visual, o real, o imaginário e o cognitivo.

Coelho (2005, p.10) afirma que “por mais que os homens transformem o mundo em que vivem com sua inteligência e trabalho, sua natureza humana não muda”. Tanto as “paixões” quanto as “necessidades básicas” da humanidade são a base das narrativas dos contos de fadas, logo podem ser positivamente cruciais na formação da criança em relação ao mundo que a cerca e em relação a si mesma.

Portanto, em se tratando dos contos de fadas, pontuo a partir da revisão literária empreitada, que são narrativas curtas originárias dos povos celtas e que foram difundidas em variações populares ou fabulares a partir da cultura oral. Nessas histórias, permeiam sempre uma narrativa enredada pela luta entre o bem e o mal. São histórias envolventes, repletas de animais falantes e astutos, de seres mágicos e cheios de encantos. Os contos de fadas são histórias que ocorrem em torno de um ser fantástico,

não necessariamente uma fada, propriamente dita, mas um ser mágico. Um herói ou heroína que encherá nos obstáculos uma ponte para a realização pessoal.

Em suma, as nuances e particularidades dos contos muito têm a contribuir com o ensino de leitura de literatura no 6º ano do ensino fundamental. Esse gênero literário sempre será atemporal e, portanto, pode ser lido a qualquer momento, por qualquer pessoa, em qualquer idade, porque são narrativas que tratam do que é inerente aos seres humanos, ou seja, os sentimentos, os desejos, os medos, os sonhos, a perda, a curiosidade, a tristeza, a superação e a busca pela felicidade.

2.2 Os contos maravilhosos e de fadas

Discorrer sobre leitura literária dos contos de fadas implica em conectar as ideias de ler o mundo em torno de si, mediante a estética e sutileza artístico-cultural da literatura, a fim de direcionar as práticas de sala de aula, de forma a fundir as muitas possibilidades da literatura com a acepção de ler, interpretar e compreender, contidas no ato de ler propriamente dito. Nesse sentido, os contos de fadas, em seu caráter fantástico e de encantamento, com todas as suas particularidades, e características distintas, provavelmente atenderão à heterogeneidade de interesses dos aprendizes e, nessa perspectiva, dialogar-se-á com as ideias aqui propostas, de ler não somente de modo informativo e metódico como parecem propor os currículos, mas ler sob a ótica da estética da literatura, a qual encanta ao mesmo tempo que provoca o pensamento crítico, a formação pessoal e a compreensão do mundo a sua volta. Tal como presuppõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “espera-se que o aluno amplie o domínio discursivo nas diversas situações comunicativas”, (Brasil, 1998, p.32).

Nessa perspectiva, trato aqui de um dos componentes mais importantes da literatura infantojuvenil que é o fantástico mundo dos contos de “encantamentos”, e nesses, inclusive o conto maravilhoso e/ou conto de fadas, os quais, em linhas gerais transmitem emoções que proporcionam ao leitor um mundo simbólico capaz de atuar de modo sutil, mas significativo, nos conflitos interiores da vida. Logo, independentemente da denominação utilizada (contos de fadas ou contos maravilhosos), importa-nos as nuances e peculiaridades desse tipo de narrativas e suas possibilidades de contribuição no processo de ensino-aprendizagem.

Denominações ou nomenclaturas à parte, de modo geral, os contos são decorrentes da cultura oral. Sejam eles denominados de fadas ou maravilhosos

carregam traços divergentes e comuns que perpassam gerações além dos séculos. Difundidos entre os povos, ao longo do tempo, os contos foram ganhando versões e roupagens próprias da cultura popular e, fazendo uso de uma linguagem particular de narrar as situações e lições da vida real, são uma espécie de convite ao ouvinte/leitor a participar da história e dela extrair uma verdade que transcende o tempo e o espaço, capaz de ressignificar suas experiências de vida.

O universo dos contos em seu leque de diversidade alinha-se à proposta de aprendizagem significativa. A efabulação deste gênero literário possibilita o trabalho pedagógico com a leitura de literatura, de forma a conectar teoria e prática, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. As aventuras narradas conduzem os estudantes, como pressupõe a leitura literária, a um universo de fantasia, leve e prazeroso, ao mesmo tempo que sólido e consistente que envolve o aluno no processo pedagógico “contar-criar-escrever”, tornando-o autônomo e participativo em construir suas próprias aprendizagens. Quanto às especificidades e possibilidades de aquisição do saber contextualizado, a professora e crítica literária brasileira, Nádia Battella Gotlib, nos lembra o caráter literário do conto, embasando, pois, o trabalho que se propõe:

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escriptor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário (Gotlib, 2000, p. 47).

A literatura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, os contos maravilhosos e de fadas são considerados uma ferramenta pedagógica valiosa, capaz de estimular a imaginação e a criatividade dos alunos, bem como promover a aprendizagem de forma envolvente tanto no que concerne à leitura quanto à escrita, consideradas sua linguagem simples, mas categórica provenientes da oralidade e cultura popular. Ao gênero literário contos, recaem o híbrido entre a popularidade da cultura oral e a grafocêntrica (Zipes, 1994).

Este trabalho trata da singularidade dos contos de fadas. Por esse prisma importante se faz ressaltar os aspectos distintos e comuns entre os contos denominados maravilhosos, de fadas e/ou de encantamento. Aos primeiros, incidem as conquistas de cunho material. Ao segundo, as aquisições são de caráter existencial.

Às narrativas denominadas de “contos maravilhosos” recaem as aquisições

materiais, em cujo desenrolar da história os protagonistas são motivados pela luta entre o bem e o mal, em que o grande conflito se resolve a partir do encantamento em meio ao sobrenatural sem nenhum estranhamento, sejam dos personagens ou dos interlocutores (Todorov, 1969). Quanto aos textos narrativos chamados “contos de fadas” recaem as conquistas existenciais, com problemáticas ligadas à realidade. Já o termo “encantamento” engloba tanto o maravilhoso, quanto o de fadas. (Cascudo, 2004, p. 21).

Em se tratando das distinções entre o conto maravilhoso e o conto de fadas lembro também a origem oriental do primeiro e a indo-europeia do segundo. Entretanto, devo pontuar ainda que as duas nomenclaturas apresentam aspectos semelhantes em sua efabulação, uma vez que tanto o conto de fadas como o conto maravilhoso apresentam provações e lutas vivenciadas por seus protagonistas, os quais superam obstáculos e obtém vitória do bem sobre o mal. Nesse sentido, mais do que divertir, esses enredos ajudam a identificar a razão de nossos conflitos e se não os resolver, ao menos, amenizá-los. Sob a ótica dos contos de fadas/maravilhosos, somos os heróis de nossa própria existência.

Quanto aos contos sejam eles denominados “de fadas” ou “maravilhosos”, uma vez que como já mencionado, há quem considere que o conto maravilhoso é outro tipo de conto, e, portanto, diferente do conto de fadas, e não apenas outra nomenclatura para a mesma narrativa. Saliento que são histórias instigantes e propícias ao ensino de leitura literária no 6º ano do ensino fundamental. “Tal como surgiu e se desenvolveu desde as origens, a forma *conto* se diferencia em maravilhoso e de fadas” (Coelho, 2003, p. 172).

A pesquisadora Nelly Novaes Coelho enxerga diferenças entre os contos maravilhosos e os contos de fadas quanto à origem e à problemática. Para a autora os primeiros teriam surgido no Oriente, especificamente na Índia do século VI. E retratam uma problemática social, em que o protagonista passa por problemas financeiros, enfrenta a pobreza, e sua autorrealização está na aquisição de bens e riquezas. Já os contos de fadas, na visão da pesquisadora, teriam surgido entre os Celtas, em forma de poemas que tratavam principalmente das várias manifestações do amor. No conto de fadas, a problemática está voltada às questões existenciais, relacionadas ao amadurecimento das personagens, as quais superam conflitos vividos.

Quanto aos contos maravilhosos, por suas singularidades esses textos atraem os alunos das séries finais do Ensino Fundamental, especialmente os aprendizes do 6º ano do Ensino Fundamental, considerando sua faixa etária e o momento de transição que

vivem, seja na escola, já que é o momento de mudança de etapa escolar, ou na vida, uma vez que são adolescentes, e esta é uma fase da vida considerada conflituosa e de transformações. Estudos como os de Propp (2001) reconhecem o conto maravilhoso como o gênero que expressa a própria vida, já que possui em sua estrutura traços que refletem a condição humana sempre em transformação, enfrentando obstáculos em busca de uma autorrealização nos diversos âmbitos da vida. Caracterizados pela presença de personagens, lugares e tempos indeterminados historicamente, e por uma estética que, embora possa ser renovada por diversos autores, permanecem quase que intactos através dos tempos. A ideia do maravilhoso parece ir além “das fadas”, já que além de tratar-se do sobrenatural, apresenta uma diversidade de elementos destinados a todo o público, não somente ao infantil, como tradicionalmente se imagina (Todorov, 2008).

Situações conflituosas ou de crise, sonhos e desejos de vida, obstáculos, conquistas são prerrogativas da condição humana, ao passo que também são características marcantes dos contos em geral. Entretanto, as clássicas expressões “era uma vez...” e “felizes para sempre...” que iniciam e finalizam os contos de fadas, por exemplo, não contemplam os contos maravilhosos que, em suas especificidades, contam com o fato de aceitarem com naturalidade as questões sobrenaturais presentes nos textos de gênero denominado maravilhoso. Para Todorov a especificidade do maravilhoso é a aceitação natural do sobrenatural.

[...] o conto de fadas não é mais que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma: nem o sonho que dura cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para não citar mais que alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o status do sobrenatural (Todorov, 2008, p. 30).

Como posto na citação, o autor vislumbra uma distinção entre os contos de fadas e os contos maravilhosos, enfatizando o não estranhamento quanto ao aspecto do sobrenatural presente nos contos maravilhosos. Oportunizar a leitura literária a partir do universo dos contos, pairando em suas diversidades relacionadas ao maravilhoso, fadas, estranhamento, entre outras nomenclaturas e especificidades, poderá proporcionar, a meu ver, um ensino de Língua Portuguesa mais atrativo e por conseguinte coerente com as premissas da diversidade e do lúdico, o qual se apoia nos parâmetros oficiais de orientação para o ensino no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil,

2018), a qual recomenda um ensino de leitura contextualizada na diversidade dos gêneros, que motiva e instrui as experiências de leituras adquiridas na educação infantil e anos iniciais, com vistas a uma aprendizagem de Língua Portuguesa e de Literatura pautadas em aspectos que vão desde o letramento à plena autonomia e aquisição do saber.

Portanto, os ensinamentos acerca da essência humana presentes nos contos de fadas e/ou maravilhosos auxiliam seus interlocutores na vida. As aventuras fictícias narradas permitem aos leitores, sobretudo se forem crianças, identificar muitas situações conflituosas presentes em sua própria vida e, assim, lidar melhor com o cotidiano. Ademais, temáticas diversas e muito pertinentes como preconceito, respeito, obediência, honestidade, dentre outros são tratados nas histórias dos contos de fadas de modo muito leve e de fácil assimilação e entendimento.

Pelo viés de suas mensagens morais, pela leveza no trato de questões sensíveis, a leitura literária dos contos de fadas se apresenta como forma de orientação à superação de obstáculos existenciais ou não e mediante o universo da fantasia, melhor lidar com o mundo real e suas mais diversas temáticas contemporâneas. E embora possa ser considerado um estilo do passado, esse gênero literário ultrapassa gerações e apresenta-se atualmente em muitas versões e releituras bastante atualizadas e condizentes com o mundo atual. São versões inovadas com adaptações pensadas para adequar-se às necessidades dos novos tempos.

O acervo nacional brasileiro de literatura infantojuvenil é feito pelos textos de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen desde a década de 1930. A partir dessa influência europeia, as coleções textuais de literatura infantil brasileira sempre foram permeadas de traços franceses, porém, ao longo da história muitas mudanças e transformações foram surgindo. Desta forma, atualmente têm-se, por exemplo, os contos de fadas modernos. São textos com adaptações contemporâneas, mas com estrutura tradicional produzidos com a finalidade de atender os novos interesses dos leitores atuais.

Os contos de fadas modernos são versões inovadoras dos contos de fadas clássicos. Chamados também de contos às avessas, esses textos apesar de conterem narrativas atualizadas, possuem a mesma estrutura e funções dos contos de fadas tradicionais, mas com um leve tom humorístico, já que as figuras que permeiam o universo dessas novas histórias são completamente diferentes. Assim, os personagens maus dos contos tradicionais podem vir nas novas versões como mocinhos; heróis ou

heroínas podem não ser príncipes e princesas, mas meninas reais, com traços e características nacionais; lendas e costumes regionais permeiam as novas histórias que ainda cheias de fantasia auxiliam na lida com a realidade.

Para atender as demandas artísticas e culturais da contemporaneidade, os contos de fadas foram se transformando e, com o passar do tempo, adaptações renovadas foram surgindo. Entretanto, a qualidade e o encantamento dos contos de fadas seguem marcando o universo imaginário de crianças e adultos. Conectar as particularidades clássicas e modernas pode ser interessante e produtivo ao processo de ensino-aprendizagem. As novas releituras contistas atendem ao universo atual dos aprendizes ao passo que os contos tradicionais lhes permitem viajar na história e na sociedade de cada narrativa.

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como 'obras de arte' integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (Bettelheim, 2002, p. 12-13).

Em corroboração com o autor, sou da opinião de que os contos de fadas são realmente ímpares ao trabalho pedagógico com crianças e adolescentes. Com visões e saberes distintos a cada necessidade e momento da vida, seu universo fantástico permite conexão direta com os interesses de cada um. Trabalhar o clássico e o moderno é resignificar em prol da aprendizagem e permitir experiências que possibilitem a harmonia com traços estéticos do passado e do presente. O compromisso com os valores universais da essência humana continua presente no interior da abordagem, a modificação se dá na essência humana que não é a mesma em épocas distintas.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1 O Tipo de Pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com propositura de proposta metodológica para a prática de leitura literária de contos de fadas no Ensino Fundamental, especificamente, para alunos de 6º ano, “tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, (Gil, 2008, p. 27). Por esse prisma, no que concerne a metodologia e tipo de pesquisa adotadas para este trabalho com proposição interventiva, priorizam-se os procedimentos investigativos, em que se considera o referencial teórico já publicado em relação à temática averiguada (Pradanov e Freitas, 2013, p.55).

Na pesquisa bibliográfica o foco investigativo não é a coleta de dados empíricos diretos, mas a investigação aprofundada e crítica das fontes já disponíveis. Assim, esta análise tenciona aproveitar o conhecimento acumulado na área, no caso o universo dos contos de fadas, e aplicá-lo na elaboração de um material pedagógico educacional que contribua para o aprimoramento do ensino de leitura de literatura, no 6º ano do Ensino Fundamental.

Nessa perspectiva, frente as disposições de Gil (2008) e Pradanov e Freitas (2013), os moldes deste estudo admite os contornos de uma pesquisa de expressão bibliográfica, com abordagem qualitativa em ensino e finalidade de propositura de medida pedagógica interventiva em formato de oficinas literárias de contos de fadas.

Desta feita, as oficinas literárias, aqui sugeridas como medida interventiva capaz de despertar o interesse dos alunos pela literatura, têm o objetivo principal de contribuir com a melhoria do objeto pesquisado, em conformidade com as teorias e estudos analisados, os quais embasarão a proposta metodológica nos moldes de oficinas pedagógicas de contos de fadas, as quais numa feliz associação entre teoria e prática agem como promotoras da leitura literária.

Assim sendo, a construção do produto educacional, que são as oficinas que acompanham este trabalho, é o resultado dessa investigação, a qual se realizou a partir da revisão bibliográfica abrangente sobre o gênero literário conto de

fadas, suas características, concepções teóricas e seu potencial como recurso pedagógico para o ensino de leitura de literatura. Saliento, ainda, que além das leituras e reflexões em torno do universo dos contos de fadas, este trabalho considerou também as abordagens e metodologias utilizadas no ensino de leitura literária.

Portanto, para este trabalho de dissertação de mestrado, a pesquisa será de natureza bibliográfica e qualitativa, em que se analisa o problema identificado, qual seja, a dificuldade de leitura literária na transição da fase inicial do Ensino Fundamental para a fase seguinte (o 6º ano do ensino fundamental), apresentando a partir de bases teóricas averiguadas, uma proposta interventiva para enfrentamento de tais questões e problemas.

3.2 O Corpus Literário: Contos “Rapunzel” e “Rapunzel e o Quibungo”

O *corpus* escolhido para este trabalho são os contos Rapunzel, dos Irmãos Grimm, e Rapunzel e o Quibungo, de Cristian Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, respectivamente. São dois contos de fadas que carregam traços característicos da literatura fantástica que, de maneira geral, desperta a atenção dos estudantes, visto que são centrados no universo que mescla elementos reais e imaginários. Todorov (2010) considera os contos pelo prisma da hesitação que envolve três gêneros próximos: o maravilhoso, o estranho e o fantástico.

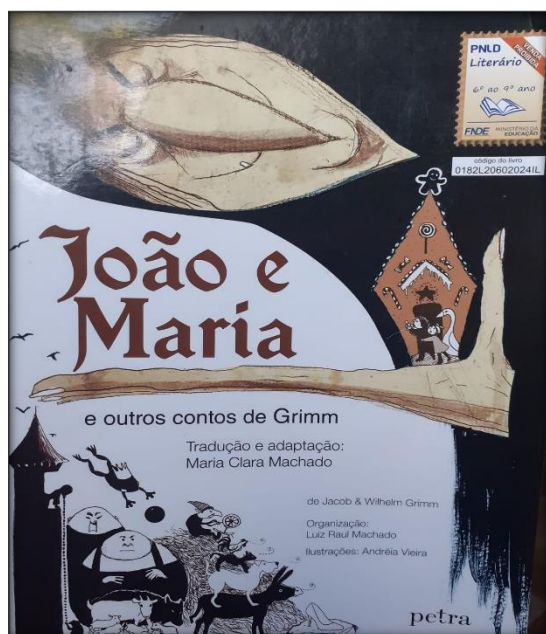
Assim, os leitores são conduzidos ao fantástico quando, em torno do real, do vivido, das vivências sem fantasmas ou monstros, encontram-se frente a um evento sem possibilidades de elucidação a partir das leis e regras do mundo real. À vista disso, o leitor se divide entre esse tal evento ser meramente fruto de sua imaginação, ou fazer parte de sua realidade, porém regido por formas ou mecanismos que ele desconhece.

No que concerne ao *corpus* literário aqui tratado, aproveitando o interesse dos alunos para com este tipo de narrativa, o primeiro conto selecionado é “Rapunzel”, de Jacob Ludwig Carl Grimm e Wilhelm Karl Grimm, conhecidos universalmente como Irmãos Grimm, de naturalidade alemã. Jacob, nascido em 1785, e Wilhelm em 1786 (Machado, 2021), estudiosos da antiga literatura alemã

e da filologia, tendo desenvolvido pesquisas próprias em torno do universo do folclore e das lendas germânicas. Por toda vida, os irmãos Grimm trabalharam juntos. Wilhelm faleceu aos 73 anos de idade, e Jacob faleceu aos 78 anos de idade, ainda em plena atividade em torno de sua vasta obra literária. O segundo conto é “Rapunzel e o Quibungo”, dos autores brasileiros (da região de Minas Gerais), Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho, os quais, entre outras atividades, dedicam-se a escrever e publicar livros voltados ao universo infantojuvenil.

Quanto ao primeiro conto selecionado, consta do livro João e Maria e outros contos de Grimm (figuras 1 e 2), uma das obras que constam do PNLD Literário 2018, disponibilizado para as escolas públicas brasileira. Trata-se de um conto de fadas clássico, com traços específicos da cultura européia. É um conto de fadas tradicional, com características típicas deste gênero literário.

Figura 1: Rapunzel



Fonte: Jacob Grimm, Wilhelm Grimm, 2018.

Figura 3: Ilustração do conto Rapunzel



Ainda em relação ao texto selecionado, é um conto de fadas que contém uma narrativa curta e que considera em seus elementos mais importantes os personagens típicos desse gênero textual, príncipe, bruxa e seres extraordinários; um narrador onisciente – sabe tudo o que acontece; um tempo determinado; um

espaço explícito; um enredo estabelecido por uma sequência de acontecimentos bem definidos na narrativa; e um conflito que se dá a partir das ações iniciais do conto. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos (Battelheim, 2002, p.7).

Como pontuado na citação de Battelheim o conto de fadas escolhido para este trabalho é um texto simples, mas com uma estrutura marcante, nos moldes da literatura griminiana. É uma clássica narrativa, dividida em introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão que, uma vez colocada à disposição dos alunos, certamente possibilitará aos aprendizes adentrarem no fantástico mundo dos contos e se disponibilizarem à leitura de literatura de modo geral.

Em relação a segunda obra (figuras 3 e 4), é um conto de fadas moderno da literatura infantojuvenil contemporânea. A história de “Rapunzel e o Quibungo” é um conto às avessas, uma adaptação do tradicional Rapunzel, que traz um personagem lendário do estado da Bahia, o Quibungo.

Figura 3: Rapunzel e o Quibungo

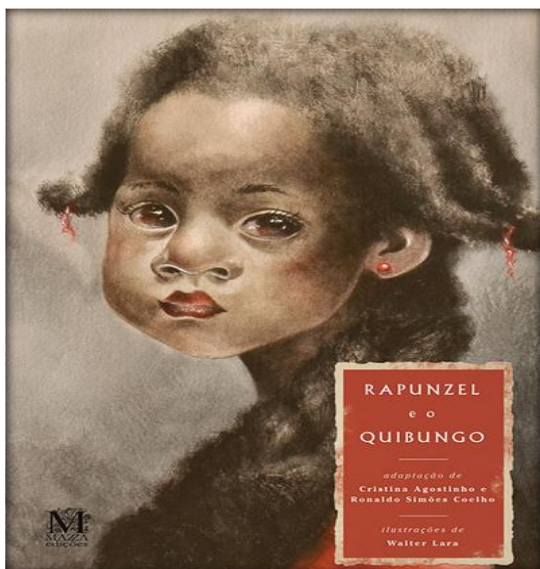
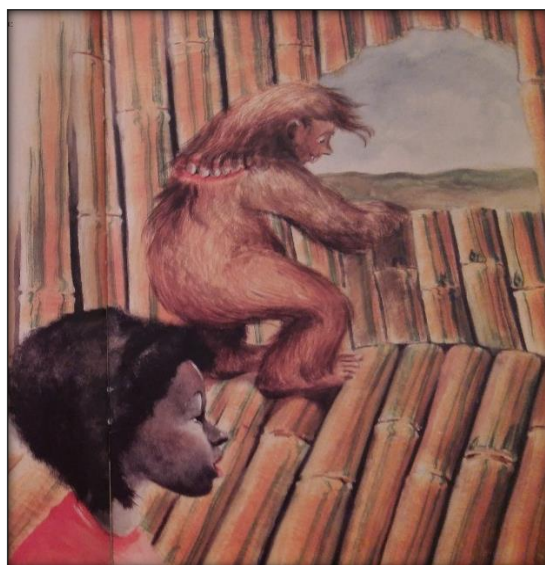


Figura 4: Ilustração do conto Rapunzel e o Quibungo



Fonte: Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho, 2012.

Nessa releitura, o enredo apresenta as mesmas características e o mesmo encantamento dos contos de fadas clássicos com príncipes e princesas, monstros, bruxas e fadas. Entretanto, essa nova configuração de contos de fadas revela um

formato brasileiro, tipicamente regional, como previsto nos contos de fadas considerados modernos. As ilustrações apresentam a história com personagens de pele preta, o nariz grande e os cabelos crespos, sugerindo um novo perfil de príncipe e princesa, agora de origem afro-brasileiros. O enredo e o espaço também são bem definidos, porém o cenário aqui é a flora brasileira, que é referenciada e representada pela Lagoa do Abaeté, o bambu, a castanheira, além de frutas típicas do Nordeste como coco, cajá, umbu, graviola.

Portanto, as obras selecionadas para o *corpus* dessa pesquisa, em seus traços incomuns e diferentes, podem proporcionar um trabalho pedagógico interessante e proveitoso em relação à leitura de literatura e dos contos de fadas, visto que o arcabouço textual desse gênero é sempre invariável. Ou seja, a estrutura de um conto de fadas se configura de forma invariável de acordo com Coelho (2000).

1. Toda efabulação tem, como motivo nuclear, uma aspiração ou desígnio, que levam o herói (ou heroína) à ação.
2. A condição primeira para a realização deste desígnio é sair de casa: o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não-formal.
3. Há sempre desafio à realização pretendida: ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem a ação do herói (ou heroína).
4. Surge sempre um mediador entre o herói (ou heroína) e o objetivo que está difícil de ser alcançado; isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda a vencer.
5. Finalmente o herói conquista o almejado objetivo. (Coelho, 2000, p.109)

Como posto, seja nas histórias modernas ou clássicas apresentadas pelas narrativas dos contos de fadas, conserva-se uma configuração textual capaz de possibilitar ao leitor adentrar-se no mundo da fantasia ao mesmo tempo que trata dos conflitos reais de sua história, cultura e sociedade. Logo, a partir da resolução dos conflitos propostos pelas narrativas clássicas ou às avessas, os leitores sentir-se-ão mais capacitados a resolverem seus próprios conflitos e problemáticas.

A partir da leitura significativa e eficiente percebe-se a metamorfose que se dá entre a história clássica de “Rapunzel” e a nova estética proposta pela releitura do conto de fadas moderno “Rapunzel e o Quibungo”. Ao migrar dos espaços europeus para a lagoa tropical da Bahia, uma outra paisagem é desenhada para que todo o enredo aconteça, numa fantástica viagem pelo mundo da fantasia, a

qual se propõe minimizar os danos e conflitos da vida real. O castelo rebuscado é substituído por uma torre de bambu e a ação de ouvir e contar dos personagens se dá em um cenário onde as frutas da flora brasileira são saboreadas. A partir da interação entre essas obras os alunos poderão refletir e perceberem que a literatura é imprescindível tanto para sua formação como para sua vida.

3.3 - Oficinas Pedagógicas em sala de aula

Para Ferreira (1999), a oficina é um lugar onde se elabora, fabrica ou conserta algo. Não raras vezes, a oficina é, também, apregoada como “workshop”, que é um minicurso ou seminário prático de pouca duração, em que se exercitam habilidades práticas em torno de uma área, como, por exemplo, oficina de Artes ou Língua Portuguesa. Logo, oficina é a construção do conhecimento a partir de uma base teórica existente. É uma prática moderna de ensinar algo diferente e de maneira interativa.

Apropriar-se de estratégias metodológicas que culminem numa aprendizagem significativa é o anseio de todo professor. Nessa busca incessante, as oficinas pedagógicas têm se mostrado uma prática pedagógica cada vez mais corriqueira e eficiente. As transformações no campo educacional evidenciadas pelo mundo contemporâneo evocam cada vez mais uma articulação entre teoria e prática. A metodologia das oficinas pedagógicas apresenta-se para a sala de aula como um recurso favorável para a conexão dos saberes teóricos à prática cotidiana.

Nesse modelo metodológico a aprendizagem e os conhecimentos são produzidos de modo coletivo entre professor e aluno, os quais associam teoria e prática. As oficinas pedagógicas fogem do ensino modelado por métodos tradicionais. A mediação docente ocorre de modo colaborativo, integrado e comprometido em estimular a construção do conhecimento, com o apoio de metodologias interativas e investigativas (Morin, 2016; 2018).

Para este trabalho de pesquisa, a ideia é apresentar uma proposta de intervenção pedagógica seguindo os moldes de “Oficinas Pedagógicas”. Aqui, a sugestão é tratar da Leitura Literária dos Contos de Fadas, de modo a oportunizar

aos estudantes envolver-se no universo literário mediante o exercício de suas habilidades leitoras e escritoras a partir da participação ativa nas Oficinas Pedagógicas Literárias, numa prática pedagógica diferenciada, com valorização de saberes e situações de aprendizagens que possam significar para além dos espaços escolares.

A oficina, como qualquer ação pedagógica, pressupõe planejamento, mas é na execução que ela assume características diferenciadas das abordagens centradas no professor e no conhecimento racional apenas. O planejamento prévio caracteriza-se por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes, a partir de seus contextos reais de trabalho (Paviani; Fontana, 2009).

A flexibilidade no planejamento e execução da atividade prático-pedagógica pressupõem estratégias de trabalho que valorizem as ações práticas discentes. O aluno deve ser o centro do processo, mediante a ação interventiva e mediadora do professor que conduzirá a atividade de modo a conectar teoria e prática. A proposta, formatada em Oficinas Literárias de Contos de Fadas, se propõe a vencer o desafio de estimular a leitura literária a partir do universo dos contos de fadas, mediante um trabalho didático a partir de oficinas com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Articular conceitos teóricos a vivências concretas de aprendizagem é a finalidade das atividades realizadas por meio de oficinas pedagógicas, num processo de construção de saberes que decorrem, “principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes” (Paviani; Fontana, 2009). Desta feita, o centro do processo é o aluno. Os condutores da oficina pedagógica se dignam a mediar a aprendizagem não apenas ensinando o que sabem, mas oportunizando as necessidades de aprendizagem dos alunos, mediante atividades concretas, produção de material didático, produções textuais e/ou artísticas, etc. Estrategicamente, nas oficinas pedagógicas, as atividades são desenvolvidas coletivamente, em duplas ou grupos de trabalho que se complementem, numa interação a equidade de saberes e níveis de aprendizagem.

Na perspectiva de desenvolvimento do gosto pela leitura literária, esta

pesquisa tem a finalidade de oferecer uma proposta de intervenção pedagógica de leitura e escrita de contos de fadas, estabelecendo uma conexão entre o clássico e o moderno, seguindo uma linha crítico-reflexiva entre as teorias literárias dos contos de fadas clássicos e modernos, associados a prática metodológica colaborativa e contextualizada à realidade dos alunos, como pressupõe as Oficinas Pedagógicas.

A proposta interventiva, no formato de Oficinas Pedagógicas, sugere aos estudantes uma construção criativa, coletiva e colaborativa de conhecimentos de modo a transformar a realidade, que ora se apresenta indiferente ao universo literário dos contos de fadas, oportunizando passear pelas abordagens, características e particularidades desse gênero literário e, por conseguinte, desenvolverem fruição e deleite pela leitura literária dos contos de fadas.

Nessa lógica, a sequência de atividades pedagógicas aqui sugerida seguirá uma estrutura padrão estrategicamente pensada para as séries finais do ensino fundamental, especialmente o 6º ano, público escolhido para o desenvolvimento deste trabalho. Assim, o detalhamento do passo a passo das cinco oficinas propostas possibilita ler e conhecer o universo dos contos de fadas clássicos e modernos, identificar e caracterizar esse gênero textual, formular um quadro comparativo entre as particularidades dos contos de fadas tradicionais e os contos às avessas e, por fim, ler, reler e produzir contos de fadas nos estilos clássicos e/ou contemporâneos.

Portanto, o produto educacional será em formato de oficinas pedagógicas com características voltadas à interatividade, exploração criativa, comparação reflexiva e conexão entre teoria e prática. A partir da mediação docente, os alunos serão conduzidos a trabalharem de modo coletivo e colaborativo, possibilitando a troca de ideias e percepções, incentivando-os a explorarem as diferentes abordagens e particularidades dos contos de fadas. Através da comparação entre contos clássicos e modernos, os alunos desenvolverão habilidades de análise e reflexão crítica. As oficinas serão projetadas de modo a conectar os conhecimentos teóricos sobre os contos de fadas com a prática de leitura e criação literária.

Por fim, a contextualização do produto educacional, formatado nos moldes

de oficinas pedagógicas, será elaborado com vistas a respeitar a realidade dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, contextualizando os conteúdos de forma relevante e incentivando à Leitura Literária que é o principal objetivo deste trabalho. Ou seja, as oficinas aqui propostas visam promover o gosto pela leitura literária, utilizando os contos de fadas como uma porta de entrada para a literatura.

O resultado esperado do uso desse produto educacional, formatado em Oficinas Pedagógicas de contos de fadas é a promoção da leitura literária entre os alunos, especialmente no que diz respeito aos contos de fadas. Além disso, espera-se que os aprendizes desenvolvam habilidades de leitura e escrita voltadas a autonomia e integralidade em torno das práticas de linguagem, conforme as categorias de linguagem compartilhada e autônoma, voltadas à Leitura/escuta, escrita e análise linguística (BNCC, 2018).

CAPÍTULO 4: PRODUTO EDUCACIONAL

Oficinas Literárias de Contos de Fadas - Viajando entre o

Clássico e o Moderno

Eliete Abrante de Abreu

Orientação: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

Cajazeiras-PB

2023



Ficha Técnica

...

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

Origem do produto Educacional: Leitura Literária dos Contos de Fadas: uma proposta de intervenção para o 6º ano do Ensino Fundamental

Público Alvo: Professores de Língua Portuguesa e Literatura

Registro do produto/ano:

Autores:

Mestranda: Eliete Abrante de Abreu

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:	60
OFICINA I: Introdução e características dos contos de fadas.....	62
OFICINA II: Identificando Variações e Adaptações de Contos de Fadas.....	67
OFICINA III: Conhecendo autores, lendo e interpretando contos de fadas.....	72
OFICINA IV: Vivendo o Imaginário Contista.....	76
OFICINA V: Criando Seus Próprios Contos de Fadas Modernos.....	81

APRESENTAÇÃO

Este produto Educacional, denominado “Oficinas Literárias de Contos de Fadas: Viajando entre o **“Clássico e o Moderno”**”, faz parte da dissertação de mestrado intitulada “Leitura Literária dos Contos de Fadas: Uma proposta de intervenção para o 6º ano de Ensino Fundamental”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS), ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no polo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus de Cajazeiras-PB, inserido na área de Ensino da Capes e objetiva o desenvolvimento de produtos educacionais que possam ter aplicabilidade de acordo com a demanda de Ensino do País, podendo ser implementado em sala de aula.

Portanto, este produto educacional consiste em um conjunto de oficinas que visam promover a leitura literária de contos de fadas de forma envolvente e interativa. São atividades projetadas para serem desenvolvidas em ambiente escolar, sob mediação docente e para alunos do 6º ano do ensino fundamental (podendo ser adaptadas para outras séries). Ou seja, trata-se de oficinas pedagógicas, construídas de modo a auxiliar o trabalho docente de forma prática, com uma metodologia que se propõe tratar dos contos de fadas de modo dinâmico e interativo, que permita a participação ativa dos estudantes.

São cinco oficinas, e cada uma delas segue a mesma estrutura padrão, previamente elaborada com título, objetivo geral e específicos, apresentação ou orientações iniciais, carga horária, recursos, metodologia, avaliação e referências, conforme explicitações pontuadas a seguir.

- ✓ **Título da oficina**, onde é introduzida uma visão geral do que será tratado na oficina.
- ✓ Quanto **aos objetivos**, deve-se pensar sempre nos alunos, de modo a refletir sobre o que eles deverão aprender e listar metas a serem alcançadas.
- ✓ Para a **apresentação ou orientações iniciais** (como preferi chamar), a proposta é de que se trate da temática a partir de uma leitura textual envolvente e interativa de modo a contextualizar a teoria que será trabalhada.
- ✓ A **duração** destas oficinas será em torno de duas a quatro horas-aulas, devendo-se ponderar acerca das particularidades da turma, as condições de realização e a abordagem sugerida em cada oficina.
- ✓ Já os **recursos**, serão elencados rigorosamente, de modo a não comprometer o

desenvolvimento da atividade em decorrência de sua não disponibilização.

- ✓ Para a **metodologia**, a ideia é descrever em detalhes a operacionalização de cada oficina, facilitando sua implementação.
- ✓ Como item final da oficina, a **avaliação** deve considerar produções dos alunos e ponderar sobre os resultados e a heterogeneidade dos estudantes.
- ✓ Sobre as **referências**, elencar todos os materiais utilizados para elaboração e realização das oficinas, possibilitando novas consultas e adequações.

Em linhas gerais as cinco oficinas literárias estão elaboradas assim:

Oficina I: **Introdução e Características dos Contos de Fadas**: é a primeira oficina. Nesse momento será apresentado aos alunos o gênero literário contos de fadas de modo geral, explorado suas principais características e elementos típicos e, a partir do *corpus* selecionado, incentivá-los à identificação de elementos próprios desse gênero literário em trechos de contos clássicos.

Oficina II: **Identificando Variações e Adaptações de Contos de Fadas**. Para esta segunda oficina, a sugestão é apresentar aos alunos as versões modernas dos contos de fadas, analisar pontos comuns e distintos, formulando um quadro comparativo e promovendo a reflexão acerca das adaptações e suas influências narrativas.

Oficina III: **Conhecendo autores, lendo e interpretando contos de fadas clássicos e modernos**. Nesta oficina, a sugestão é de um momento de deleite, com leitura leve discutida, mas divertida e expressiva de contos de fadas distintos, incluindo exposições audiovisuais que estimulem a criatividade e o imaginário dos aprendizes.

Oficina IV: **Vivendo o Imaginário Contista**. Nesta oficina, o foco é estimular a imaginação dos estudantes. Agora é o momento de instigá-los a contar ou recontar contos de fadas por meio de ilustração e dramatização, de modo a promover a exposição de sua imaginação e criatividade, através do desenho e da expressão oral.

Oficina V: **Criando Contos de Fadas Modernos**. Esta última oficina deve materializar a aprendizagem em torno do gênero literário contos de fadas, sendo ele tradicional ou moderno. E, a partir da interatividade proposta pelo trabalho pedagógico com oficinas, a orientação é em torno da produção textual. Aqui os alunos são conduzidos à escrita de seus próprios contos de fadas modernos, de modo a consolidar os conhecimentos vivenciados nas oficinas anteriores.

OFICINA I: Introdução e características dos contos de fadas



Fonte: Storytellers – Uma Nova Moral dos Contos de Fadas, 2015.

1. Objetivo Geral

- ✓ Conhecer e caracterizar o gênero literário contos de fadas.

1.1 Objetivos Específicos

- ✓ Identificar os elementos, seres e expressões típicas dos contos de fadas;
- ✓ Listar expressões recorrentes nas narrativas dos contos de fadas, como “era uma vez” e “felizes para sempre”;
- ✓ Identificar os elementos estruturantes do gênero literário conto de fadas;
- ✓ Oportunizar o debate sobre a presença ou não das fadas nas narrativas contistas.

2. Orientações Iniciais

Professor, as ações descritas a seguir são apenas propostas. Fique à vontade para adaptá-las a seu modo.

Esse é o momento de motivação e estímulo à participação discente. Conduzir dinâmicas de grupo e exposições de imagens e/ou vídeos são estratégias que costumam dar certo. Como sugestão, explicito o título da oficina, introduza a temática dos contos de fadas e contextualize de modo bem resumido o gênero literário a ser trabalhado. Sugere-se que o professor ou professora:

- ✓ Ornamente o ambiente onde serão realizadas as oficinas com imagens e/ou objetos que remetam ao universo dos contos de fadas: florestas, castelos, príncipes e princesas da Disney, por exemplo.
- ✓ Contextualize o gênero literário Contos de Fadas a partir de uma dinâmica de grupo e/ou uma pequena exposição audiovisual.
- ✓ Ative os conhecimentos prévios dos alunos em torno dos contos de fadas, questione, instigue e conduza-os à participação ativa deste momento inicial. Isso será crucial no engajamento dos estudantes nos próximos passos da oficina.
- ✓ Questione sobre o que os alunos sabem sobre os contos de fadas. Que histórias de fadas eles podem apontar? Fadas existem? É comum ver histórias de fadas na TV ou em outras mídias? Enfim, chame os estudantes ao universo dos contos de fadas, fazendo essas e outras perguntas interativas.

3. Carga horária: 2 a 4 aulas - Tempo Estimado.

4. Recursos

- ✓ Materiais pedagógicos em geral, como: papel, cartolina, canetas coloridas, cópias de textos, etc. E materiais tecnológicos como data show, TV, etc.

5. Metodologia

1º momento: Faça uma leitura em voz alta de um conto ou de um trecho, que seja. Para essa oficina inicial sugere-se a história adaptada por Ana Maria Machado, do livro João e Maria e outros contos de Grimm ou seu fragmento como disponibilizado a seguir:

“...O pobre homem estava com tanto medo que aceitou a proposta da bruxa.

Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma linda menina. Sem ligar para os pedidos desesperados da mãe e do pai, a velha levou o bebê e desapareceu dali. Nunca mais os pais viram a filha. A bruxa lhe deu o nome de, sabem por quê? É que essa história aconteceu na velha Alemanha: em alemão, Rapunzel é um tipo de alface. Não foram a alface que lhe salvaram a vida?

A menina e a bruxa foram morar numa torre muito alta, no meio de uma grande floresta. A torre não tinha nenhuma porta de entrada: só uma janelinha, lá em cima, escondida pela hera.

Quinze anos se passaram. Rapunzel se transformara em uma linda jovem de cabelos dourados. Nunca os tendo cortado, suas tranças eram lindas e enormes”.

Machado, Maria Clara. João e Maria e outros contos de Grimm – 3ª ed. Duque de Caxias: Petra, 2018.

2º momento: Leitura compartilhada. Promova uma leitura com e para os alunos, enfatizando a pontuação e entonação;

3º momento: Conduza os alunos a realizarem as atividades interativas propostas de modo individual e/ou coletivo.

5.1 Atividade de Contextualização

- ✓ Explique o que são contos de fadas e sua importância na literatura;
- ✓ Compartilhe exemplos famosos de contos de fadas;
- ✓ Questione os alunos acerca de seus conhecimentos sobre os exemplos dos contos de fadas apresentados;
- ✓ Destaque particularidades dos contos de fadas como a presença do sobrenatural, presença de duendes, fada madrinha, bruxa, príncipes e princesas;
- ✓ Apresente imagens recorrentes no universo contista, como castelos, florestas, luzes, cores, etc.;
- ✓ Apresente de modo superficial os contos de fadas “Rapunzel” e “Rapunzel e o Quibungo”, dos Irmãos Grimm e Cristian Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, respectivamente;

5.3 Atividade de Leitura Compartilhada

- ✓ Realize a leitura expressiva e compartilhada de um trecho de um conto de fadas clássico, como "Rapunzel";
- ✓ Destaque elementos característicos, como personagens mágicos, enredo envolvente e temática social;
- ✓ Socialize informações e particularidades que remetem ao mundo imaginário;
- ✓ Faça, com os alunos, hipóteses em torno das possíveis temáticas tratadas no conto ou trecho do conto lido anteriormente.

5.4 Atividade de Discussão e Identificação

- ✓ Conduza uma discussão em grupo sobre o que os alunos notaram no trecho lido;
- ✓ Peça que identifiquem os elementos característicos dos contos de fadas, no texto ou trecho apresentado;
- ✓ Proponha a sistematização da aprendizagem dos alunos em torno do gênero literário contos de fadas e suas principais características e particularidades.

6. Avaliação:

- ✓ Solicite a sistematização do conteúdo estudado. Proponha um mapa mental dos contos de fadas no caderno ou em cartazes a serem expostos na sala.

7. Referências:

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COELHO, N. N. Contos e desenvolvimento psíquico. **Revista Viver Mente & Cérebro**, nov. 2004.

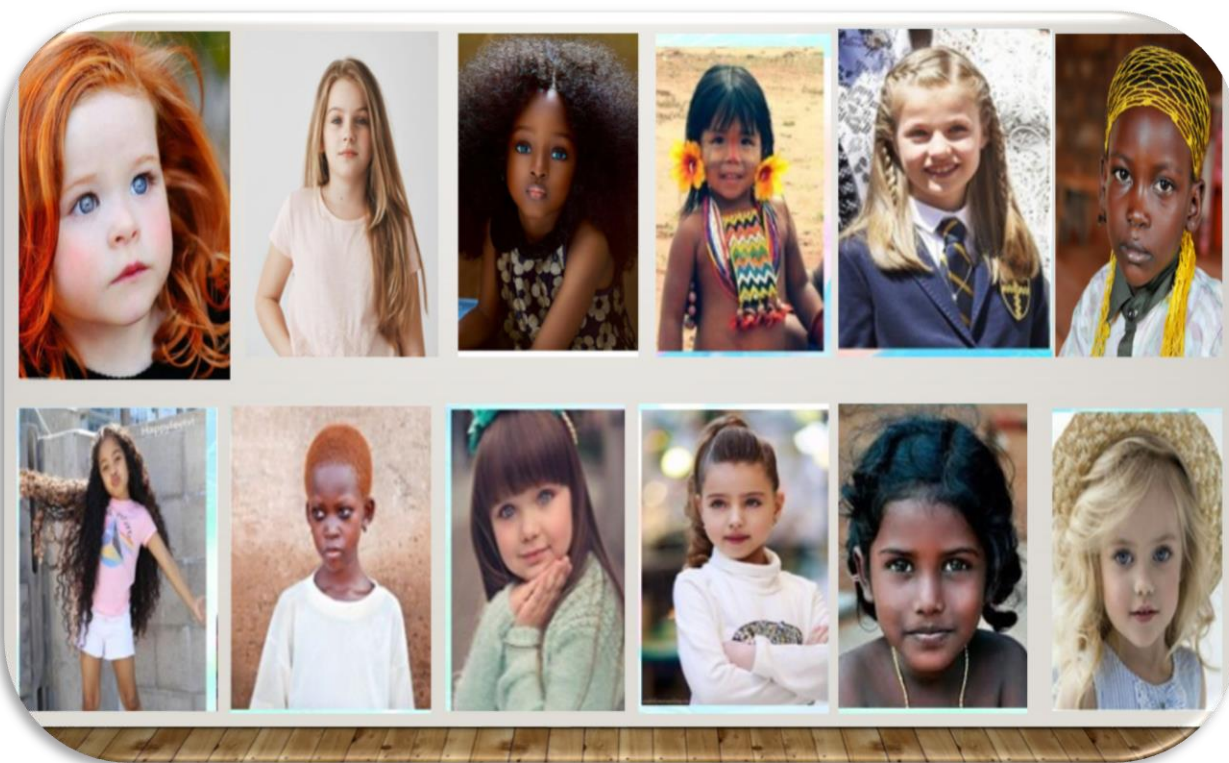
MACHADO, M. C. **João e Maria e outros contos de Grimm** – 3ª ed. Duque de Caxias: Petra, 2018.

Ministério da Educação – MEC. Política Nacional de Alfabetização - PNA. YouTube, 2018. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/livros/versao_digital/rapunzel_versao_digital.pdf. Último acesso em: 19 nov. 2023.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

SOUSA, S. Breve explicação sobre contos de fadas. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGCCHazqWAA>. Último acesso em: 10 out. 2023.

Oficina II: Identificando variações e Adaptações de Contos de Fadas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

1. Objetivo Geral:

- ✓ Reconhecer diferentes versões de contos de fadas e entender como as adaptações podem influenciar a história.

1.1 Objetivos específicos:

- ✓ Identificar contos de fadas modernos e destacar suas principais características;
- ✓ Distinguir contos de fadas clássicos e modernos;
- ✓ Listar diferenças e semelhanças entre os dos contos de fadas clássicos e atuais;
- ✓ Oportunizar o debate sobre as fadas e bruxas tradicionais e contemporâneas, nas narrativas contistas;
- ✓ Produzir um quadro comparativo de características clássicas e modernas dos

contos de fadas.

2. Orientações iniciais

Professor, as ações descritas a seguir são apenas propostas. Fique à vontade para adaptá-las a seu modo.

Durante a apresentação da oficina, é importante que inicialmente se faça uma motivação voltada à participação dos alunos. Atividades lúdicas e dinâmicas são estratégias que sempre funcionam. Nesse momento inicial da oficina II, sugere-se a retomada da temática dos contos de fadas em uma fala que também explique o título da oficina e sua contextualização com o gênero literário tratado.

- ✓ Com o ambiente devidamente ornamentado com imagens e/ou objetos que remetem ao universo dos contos de fadas e também das atividades sistematizadas na oficina 1, retome a discussão sobre os contos de fadas;
- ✓ Questione os alunos acerca do que já conhecem sobre o gênero em estudo e o que gostariam de saber;
- ✓ Complemente ideias apresentadas pelos estudantes;
- ✓ Disponha um quadro expositivo de fotos de uma diversidade de meninas, que apresentem características étnico-raciais diferentes;
- ✓ Contextualize os Contos de Fadas clássicos e suas histórias de princesas tipicamente europeias e questione sobre quem seriam as princesas da atualidade;
- ✓ Promova um diálogo em torno das princesas clássicas e atuais e contextualize em torno do universo nacional, bem como da temática da diversidade;
- ✓ Conduza os alunos a se reconhecerem como príncipes e princesas reais contemporâneos.

3. Carga horária: 2 a 4 aulas - Tempo Estimado.

4. Recursos:

- ✓ Materiais pedagógicos em geral, como: papel, cartolina, canetas coloridas, cópias

de textos, etc. E materiais tecnológicos como data show, TV, etc.

5. Metodologias:

1º Momento: Organize a turma de modo a deixá-los confortáveis. O formato em círculo é sempre convidativo à participação.

2º Momento: Promova uma leitura expressiva da sinopse (disponibilizada a seguir) do conto de fadas moderno: Rapunzel e o Quibungo de autoria de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, para introduzir a temática das releituras contistas. Se preferir, leia um trecho ou até mesmo o conto completo.

Sinopse

Como a magia dos clássicos não tem fronteiras, nos sonhos de meninas e meninos brasileiros os personagens têm suas feições e habitam o cotidiano. Foi assim com uma Rapunzel nascida na Bahia – linda menina negra que veio ao mundo com longos cabelos que não paravam de crescer. Excelente cantora, Rapunzel despertou a cobiça do monstro Quibungo e precisará da ajuda do seu príncipe brasileiro para encontrar um final feliz.

Agostinho, Cristina e Coelho, Ronaldo Simões. Rapunzel e o Quibungo – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

3º Momento: conduza os alunos a realizarem as atividades interativas propostas de modo individual e/ou coletivo, sempre numa perspectiva de socialização e compartilhamento de ideias.

5.1 Atividade de Contextualização

- ✓ Faça uma exposição audiovisual dos contos de fadas modernos e apresente uma explicitação comparativa entre os contos de fadas de outrora e as versões atualizadas;
- ✓ Explique a importância das versões modernas dos contos de fadas para se tratar questões sociais voltadas à diversidade e outras temáticas pertinentes;
- ✓ Compartilhe exemplos de temas relevantes tratados em contos de fadas distintos;
- ✓ Questione os alunos acerca de suas impressões em torno dos contos de fadas modernos.

5.3 Atividade de Leitura Comparativa

- ✓ Divida a turma em grupos e distribua diferentes versões de "Rapunzel".
- ✓ Solicite uma leitura inicial restrita aos pequenos grupos.
- ✓ Peça que comparem as versões e identifiquem as mudanças.
- ✓ Realize a leitura expressiva e compartilhada de um trecho de um conto de fadas moderno, como "Rapunzel e o Quibungo", por exemplo.
- ✓ Destaque elementos característicos da cultura nacional, presentes nas versões atuais dos contos de fadas.
- ✓ Instigue os alunos a identificarem informações e particularidades presentes no texto que comprovem a modernidade dos textos lidos.
- ✓ Elabore, com os alunos, hipóteses em torno das possíveis temáticas tratadas no conto ou trecho do conto lido anteriormente.

5.4 Atividade de Discussão, Reflexão e Socialização de ideias

- ✓ Cada grupo socializa suas observações com a turma.
- ✓ Conduza uma discussão sobre como as adaptações podem alterar a narrativa e suas mensagens.
- ✓ Peça que compartilhem os elementos característicos dos contos de fadas modernos.
- ✓ Conduza uma discussão em torno dos elementos característicos identificados, pontuando traços semelhantes e distintos.

5.5 Atividade de Produção Criativa

- ✓ Peça aos alunos que criem sua própria versão adaptada de "Rapunzel", incorporando elementos modernos.

6. Avaliação

- ✓ Solicite a sistematização do conteúdo estudado e proceda a uma avaliação formativa de modo a monitorar o progresso dos alunos e identificar possibilidades de novos desafios. Suscite o debate em torno dos contos recém-criados pelos

alunos na atividade 5.5.

- ✓ Realize uma correção reflexiva e oriente a reescrita coerente.

7. Referências:

AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. **Rapunzel e o Quibungo** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. Rapunzel e o Quibungo. Docero.com, 2021. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eve0ce1> PDF. Último acesso em: 19 nov. 2023.

PAVIANI, N. M. S. e FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

Oficina III: Conhecendo autores, lendo e interpretando contos de fadas



Fonte: Myloview - Crianças lendo um livro, 2022.

1. Objetivo Geral

- ✓ Conhecer autores e obras voltados ao gênero literário contos de fadas clássicos e/ou modernos.

1.1 Objetivos Específicos

- ✓ Relacionar autores e obras de contos de fadas;
- ✓ Ler sobre autores e ilustradores de contos de fadas clássicos e modernos;
- ✓ Listar diferenças e semelhanças entre os contistas clássicos e atuais;
- ✓ Distinguir autor e escritor;
- ✓ Reconhecer a importância das ilustrações nas obras contistas.

2. Orientações Iniciais

Professor, as ações descritas a seguir são apenas propostas. Fique à vontade para adaptá-las a seu modo.

Inicie os trabalhos fazendo uma introdução que retome os conhecimentos já adquiridos sobre os contos de fadas clássicos e modernos nas oficinas I e II em um exercício lúdico motivacional, como um “quiz”, por exemplo, que pode ser interessante. Em seguida, explique o título da oficina e incite o debate em torno de quem escreve e publica os textos do gênero literário contos de fadas.

- ✓ Aproveite a ornamentação e sistematização das atividades desenvolvidas nas oficinas I e II, mas exponha de modo destacado imagens de autores e obras de contos de fadas tradicionais e contemporâneos;
- ✓ Distribua obras literárias diversas em todo ambiente;
- ✓ Solicite que os alunos manuseiem uma ou outra obra, atentando para o resumo biográfico;
- ✓ Questione de quem se trata e se já viram ou ouviram falar de tal pessoa;
- ✓ Explícite autores e obras, fazendo referência a histórias conhecidas;
- ✓ Proponha uma leitura silenciosa de um conto, com marcação de um trecho que tenha chamado atenção de cada estudante;
- ✓ Auxilie na interpretação do trecho destacado e faça conexão com as narrativas contistas e as características de escrita do autor;
- ✓ Questione e discuta sobre a diferença autor/escritor.

3. Carga horária: 2 a 4 aulas - Tempo Estimado.

4. Recursos

- ✓ Materiais pedagógicos em geral, como: livros, papel, cartolina, canetas coloridas, cópias de textos, etc. E, materiais tecnológicos como data show, TV, etc.

5. Metodologias:

- ✓ 1º Momento: Organize a turma de modo a deixá-los confortáveis. O formato em

círculo é sempre convidativo à participação. Faça uma explanação dos principais autores de contos de fadas, sejam clássicos ou modernos. Mostre fotos de autores e de suas principais obras, questionando o que os alunos sabem sobre a temática tratada.

- ✓ 2º Momento: Leia a biografia de um ou mais autores de contos de fadas e oriente uma pesquisa em torno de autores e obras contistas.
- ✓ 3º Momento: Motive os alunos a realizarem as atividades interativas propostas de modo individual e/ou coletivo.

5.1 Atividade de Contextualização

- ✓ Faça uma exposição de imagens de autores de contos de fadas tradicionais e modernos e apresente uma explicitação da época e mensagens, geralmente contempladas.
- ✓ Explique a importância das narrativas contistas e as questões sociais abordadas por seus autores.
- ✓ Compartilhe exemplos de temas relevantes tratados em contos de fadas por autores distintos.
- ✓ Questione os alunos acerca de suas impressões em torno dos contos de fadas modernos.

5.2 Atividade de Pesquisa e Leitura Compartilhada

- ✓ Divida a turma em duplas e proponha a pesquisa de autores e ilustradores de contos de fadas;
- ✓ Solicite aos alunos a exposição de principais autores e obras contistas;
- ✓ Oriente os alunos na escolha de um conto para leitura compartilhada e discutida com a turma.
- ✓ Instigue os alunos a identificarem informações e particularidades biográficas;
- ✓ Faça, com os alunos, um levantamento em torno das temáticas tratadas por autores contistas distintos.

5.4 Leitura e Reflexão discursiva

- ✓ Em pequenos grupos, sugira a leitura de uma obra contista.
- ✓ Conduza uma discussão e compartilhamento das obras lidas.
- ✓ Implemente uma atividade de “promoção leitora”, em que cada grupo tenha a tarefa de convencer o outro a ler a obra apresentada.
- ✓ Conduza uma discussão em torno dos autores e temas apresentados em cada obra.

5.5 Atividade Criativa

- ✓ Peça aos alunos que se apresentem como autores que gostariam/poderiam ser;
- ✓ Questione sobre quais temáticas gostariam de tratar e solicite que apresentem suas ideias;
- ✓ Considere a possibilidade de trabalho oral e/ou escrito, conforme o envolvimento e disponibilidade da turma;
- ✓ Oriente a socialização das expectativas.

6. Avaliação:

- ✓ Para atividade avaliativa, proponha a escrita de um resumo biográfico. Cada aluno produz seu texto e, ao final, se constrói um resumo biográfico da turma.

7. Referências:

AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. **Rapunzel e o Quibungo** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. Rapunzel e o Quibungo. Docero.com, 2021. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eve0ce1> PDF. Último acesso em: 19 nov. 2023.

MACHADO, M. C. **João e Maria e outros contos de Grimm** – 3ª ed. Duque de Caxias: Petra, 2018.

Ministério da Educação – MEC. Política Nacional de Alfabetização - PNA. YouTube, 2018. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-prim/livros/versao_digital/rapunzel_versao_digital.pdf. Último acesso em: 19 nov. 2023.

PAVIANI, N. M. S. e FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009

Oficina IV: Vivendo o Imaginário Contista



Fonte: "Freepik" - Jovem Aventureiro, 2010.

1. Objetivo Geral

- ✓ Estimular a imaginação e a criatividade dos alunos.

1.1 Objetivos Específicos

- ✓ Expressar-se individualmente por meio da escrita e ilustração.
- ✓ Identificar nos contos de fadas, palavras e expressões que provocam o imaginário leitor;
- ✓ Reconhecer a importância das ilustrações dentro das narrativas contistas.
- ✓ Recontar contos de fadas oralmente.
- ✓ Recontar contos de fadas através de desenhos.
- ✓ Estimular a expressão oral e a interpretação dos alunos.
- ✓ Promover a colaboração e a criatividade na apresentação dos contos.

2. Orientações Iniciais

Professor, as ações descritas a seguir são apenas propostas. Fique à vontade para adaptá-las a seu modo.

Inicie a oficina IV explicando o título e contextualizando a temática em estudo, sempre chamando à participação e ao debate de ideias. Aproveite a ornamentação e exposições sistematizadas nas atividades desenvolvidas nas oficinas anteriores, mas dê ênfase a imagens e expressões contistas que aguçam o imaginário leitor, como: castelos encantados, florestas distantes, etc.;

Questione e motive a reflexão em torno do sobrenatural e dos elementos mágicos presentes nos contos de fadas. Ative a imaginação!

- ✓ Promova uma identificação estratégica em torno do mágico e das inferências que mesclam o real e o imaginário;
- ✓ Oriente um exercício de observação das imagens e ou expressões expostas que provoquem a imaginação dos alunos;
- ✓ Instigue a imaginação dos estudantes sobre o porquê dessa ou aquela ilustração e ou expressão.

3. Carga horária: 2 a 4 aulas - Tempo Estimado.

4. Recursos

- ✓ Materiais pedagógicos em geral, como: livros, papel, cartolina, canetas coloridas, cópias de textos, etc. E, materiais tecnológicos como data show, TV, etc.

5. Metodologias

1º Momento: Organize a turma e possibilite a exibição do filme “O Mistério de Feiurinha” (da Globo Filmes). A história é uma adaptação do conto de fadas contemporâneo “O Fantástico Mistério de Feiurinha”, escrito pelo autor brasileiro Pedro Bandeira.

2º Momento: Promova uma discussão em torno do filme. Questione e promova um debate em torno da magia presente no universo contista.

3º Momento: Faça um paralelo entre o filme e o livro. Proponha a leitura do livro como atividade extraclasse, sempre estimulando a participação dos alunos a realizarem as atividades interativas propostas, seja de modo individual ou em grupo.

5.1 Atividade de Percepção e Discussão sobre a imaginação

- ✓ Promova uma atividade de observação das ilustrações contidas em contos de fadas diversos.
- ✓ Solicite que os alunos observem a capa do livro e imaginem outras imagens para essa obra.
- ✓ Leia um conto curto ou trecho de sua escolha e solicite que os alunos destaquem as imagens e façam um paralelo ou contraponto com o texto.
- ✓ Questione os alunos acerca de suas impressões em torno das ilustrações dos contos apreciados e sobre o que poderia ser mudado.
- ✓ Converse sobre a importância da imaginação na leitura de contos de fadas.
- ✓ Incentive os alunos a compartilharem como a imaginação enriquece a experiência de leitura.

5.2 Atividade de Brainstorming

- ✓ Instigue os alunos a identificarem informações e particularidades nos contornos das ilustrações dos contos de fadas e socializarem com os colegas;
- ✓ Divida a turma em grupos e distribua papel e canetas;
- ✓ Peça que cada grupo liste elementos mágicos e criativos que gostariam de ver em um conto;
- ✓ Solicite uma pesquisa de alguns contos e suas principais ilustrações;
- ✓ Promova entre os alunos um debate de ideias da relação entre as imagens e o título da obra, ponderando sobre o que consideram condizentes ou não.

5.3 Atividade Criativa de Escrita e Ilustração

- ✓ Oriente para que os alunos criem um novo conto e enfatize sobre ações da narrativa que mesclam o real e o imaginário;
- ✓ Peça aos alunos que criem sua própria versão de um conto de fadas,

incorporando os elementos mágicos discutidos;

- ✓ Enfatize a importância de que suas histórias contenham enredo, personagens e ambiente, bem definidos;
- ✓ Distribua papel em branco e materiais de desenho e solicite que pensem sobre o conto criado e sobre imagens e cores que podem ter;
- ✓ Peça aos alunos que escolham uma cena do conto que criaram e a ilustrem.

5.4 Discussão e Dramatização

- ✓ Converse sobre a importância da expressão oral e da dramatização na compreensão dos contos.
- ✓ Destaque como a dramatização pode trazer vida aos personagens e eventos da narrativa.
- ✓ Divida os alunos em grupos e atribua a cada grupo uma cena dos contos.
- ✓ Os grupos ensaiarão a dramatização, trabalhando na interpretação dos personagens e na expressão vocal.
- ✓ Cada grupo apresentará sua cena dramatizada à turma.
- ✓ Incentive-os a usar adereços para enriquecer a apresentação.
- ✓ Após cada apresentação, abra espaço para discussões em grupo sobre as escolhas interpretativas feitas pelos grupos.

6. Avaliação

- ✓ Avalie de modo formativo o desenvolvimento oral dos estudantes, de acordo com a dramatização realizada.

7. Referências

- BANDEIRA, P. **O fantástico mistério de Feiurinha**. Moderna, 2019.
- SILVA, N. O. **Contos de Fadas e Práticas de Leitura na Educação Básica**. 2019.
- AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. Rapunzel e o Quibungo. Docero.com, 2021. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eve0ce1> PDF. Último acesso em: 19 nov. 2023.
- Ministério da Educação – MEC. Política Nacional de Alfabetização - PNA. YouTube, 2018. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-prim/livros/versao_digital/rapunzel_versao_digital.pdf. Último acesso em: 19 nov. 2023.

VIVIANE, L. V. Cola da Web, 2010. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/literatura/contos-e-mini-contos>. Último acesso em: 23 out. 2023.

TATAR, M. **Contos De Fadas: Edição Comentada E Ilustrada**. Rio De Janeiro:Zahar, 2004.

Oficina V

Criando Seus Próprios Contos de Fadas Modernos



Fonte: Gabriela Kimura – Vestidos de Princesas da Disney, 2020.

1. Objetivo Geral

- ✓ Produzir textos do gênero contos de fadas modernos.

1.1 Objetivos Específicos

- ✓ Incentivar a produção escrita;
- ✓ Melhorar a escrita dos alunos;
- ✓ Sistematizar os conhecimentos acerca dos contos de fadas em textos escritos e orais;
- ✓ Promover a criatividade dos alunos na escrita de contos de fadas modernos;
- ✓ Escrever contos de fadas modernos;
- ✓ Identificar em seus textos características e particularidades dos contos de fadas modernos.

2. Orientações Iniciais

Professor, as ações descritas a seguir são apenas propostas. Fique à vontade para adaptá-las a seu modo.

O momento inicial é sempre de retomada de conhecimentos adquiridos até aqui, de motivação e explicação do título e do propósito da oficina. O ambiente deve estar caracterizado com a temática em estudo de modo a promover a reflexão em torno do tema a ser trabalhado.

3. Carga Horária: 2 a 4 aulas - Tempo Estimado.

4. Recursos

- ✓ Materiais pedagógicos em geral, como: livros, papel, cartolina, canetas coloridas, cópias de textos, etc. E materiais tecnológicos como data show, TV, etc.

5. Metodologia

1º Momento: Faça uma exposição geral do gênero literário contos de fadas e de seus elementos estruturantes e característicos e elenque com os alunos um roteiro de escrita.

2º Momento: Faça um esquema de produção textual, com explicações sobre introdução: com identificação de personagens, espaço e tempo da narrativa; Desenvolvimento: com surgimento da problemática e estímulo aos personagens a resolvê-la; e, clímax, auge da problemática e encaminhamento para a parte final da narrativa contista que a conclusão, parte do texto onde se dá o desfecho da história, ocorra sempre com um final feliz.

3º Momento: Estimule a imaginação e criatividade dos estudantes, motivando-os a participarem desse momento de escrita textual, explicando-lhes que essa atividade consolida as aprendizagens sobre o gênero literário contos de fadas, temática tratada nesse conjunto de oficinas.

5.1 Atividades de Brainstorm

- ✓ Conduza uma discussão em grupo sobre temas, personagens e cenários interessantes para contos modernos.

- ✓ Instigue a imaginação dos alunos com exposições e dicas acerca do gênero literário conto de fadas;
- ✓ Faça um esquema, uma espécie de roteiro para a escrita textual coerente com o gênero textual conto de fadas;

5.2 Atividade de Escrita

- ✓ Oriente os alunos para que escrevam seus próprios contos de fadas modernos, incorporando elementos contemporâneos;
- ✓ Chame atenção para as características do gênero literário conto de fadas e a importância desses elementos na narrativa;
- ✓ Leia os textos recém-escritos, realize uma correção orientada e solicite a reescrita do texto a fim de melhorá-lo.

5.3 Atividade de Socialização e Compartilhamento de ideias

- ✓ Explique a importância da socialização das produções e suas ideias;
- ✓ Motive os alunos a compartilharem suas histórias;
- ✓ Conduza uma discussão sobre as escolhas criativas dos alunos e o processo de escrita.
- ✓ Organize uma exposição dos textos dos alunos.

6. Avaliação

- ✓ Realize uma correção reflexiva, com orientações para ilustrações adequadas e coordenadas para uma reescrita textual eficiente.
- ✓ Coordene o compartilhamento das produções escritas e suas ilustrações, de modo que seja feita a leitura, exposição e discussão das produções textuais e ilustrativas recém-criadas.

7. Referências

AURINA. Histórias Infantis - Era uma vez. Blogpost.com, 2011. Disponível em: <https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/03/rapunzel.html>. Último acesso

em 20 nov. 2023.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COELHO, N. N. **Contos e desenvolvimento psíquico**. Revista Viver Mente & Cérebro, nov. 2004.

AGOSTINHO, C. e COELHO, R. S. Rapunzel e o Quibungo. Docero.com, 2021. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eve0ce1> PDF. Último acesso em: 19 nov. 2023.

Ministério da Educação – MEC. Política Nacional de Alfabetização - PNA. YouTube, 2018. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/livros/versao_digital/rapunzel_versao_digital.pdf. Último acesso em: 19 nov. 2023.

PAVIANI, N. M. S; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. CONJECTURA: filosofia e educação. v. 14, n. 2, 2009.

SILVA, N. O. **Contos De Fadas e Práticas De Leitura Na Educação Básica**. 2019.

TATAR, M. **Contos De Fadas: Edição Comentada E Ilustrada**. Rio De Janeiro: Zahar, 2004.

VIVIANE, L. V. Cola da Web, 2010. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/literatura/contos-e-mini-contos>. Último acesso em: 23 out. 2023.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral construir uma proposta de intervenção pedagógica para a sala de aula em torno da leitura literária dos contos de fadas. Nessa perspectiva, tracei como objetivos específicos principais identificar e utilizar-se das abordagens e particularidades dos contos de fadas como estratégias de ensino capazes de despertar o gosto e o interesse dos alunos das séries finais do ensino fundamental, especialmente do 6º ano, por leitura literária. Os quais foram atingidos em plenitude.

Em síntese, fiz uma reflexão em torno da temática da leitura de literatura a partir do universo teórico do gênero narrativo conto de fadas, para elaborar uma sequência de estudos em formato de oficinas formativas que ajudem na promoção de leitura de literatura no 6º ano do Ensino Fundamental. Elaborei uma sequência de estudos dirigido, com orientações dispostas em um conjunto de atividades interativas, as quais, usadas como estratégias pedagógicas docentes podem auxiliar aos profissionais do magistério no sentido de melhorias em relação ao ensino de leitura de literatura, na disciplina de Língua Portuguesa, no 6º ano do Ensino Fundamental.

Desta feita, nos capítulos que compõem este trabalho dissertativo, procurei tratar da literatura enquanto arte, palavra e seus propósitos em relação ao ensino e a significativa aprendizagem dos alunos. Também refleti acerca da estrutura, contextualização e os propósitos do gênero narrativo contos de fadas, visto que o estudo em torno das narrativas contistas, apontam para as possibilidades de que suas histórias proporcionem aos estudantes refletirem sobre si próprio e sobre o mundo a sua volta. Considerando, pois, nesse sentido, as propostas teóricas de autores renomados dos contos de fadas, tais como: Coelho, 2003; Todorov, 2008; Bettelheim, 2002; Gotlib, 2000, entre outros. Assim, as particularidades, concepções e teorias dos contos de fadas, uma vez utilizadas como estratégias de ensino nas séries de transição do ensino fundamental, ou seja, o 6º ano do ensino fundamental serão capazes de promover e despertar nos estudantes o gosto e o prazer pela leitura literária.

Pontuei em torno da interatividade do trabalho com oficinas pedagógicas e suas perspectivas de trabalho plausíveis de associação entre teoria e prática. Portanto, a teoria utilizada, permitiu-me compreender que a leitura literária dos contos de fadas possibilita de modo emotivo e empático um exercício de compreensão de si e do mundo que o cerca, num panorama de que, pela literatura melhor lidemos com as situações

conflituosas da vida.

Quanto a metodologia adotada, a pesquisa bibliográfica e do tipo qualitativa em ensino, com base nos estudos teóricos de Gil, 2008 e Pradanov e Freitas, 2013. Bem como nas análises e reflexões deste estudo em torno do corpus literário selecionado, no caso, as obras “Rapunzel” e “Rapunzel e o Quibungo” de autoria de Cristian Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, respectivamente.

A opção pelo trabalho interventivo em formato de oficinas formativas, se deu pela perspectiva de uso de metodologias interativas que considerem ao mesmo tempo a teoria e a prática dos conteúdos abordados. O caminho percorrido até aqui, pressupõe que o encanto da efabulação e as características dos contos de fadas provocam a imaginação a dos interlocutores, levando-os a refletir em torno do texto, do mundo a sua volta e de si mesmo. De tal modo, proporcionar aos estudantes à leitura e escrita dos contos de fadas, refletindo acerca de suas mais diversas nuances e particularidades, é contribuir com o Ensino de Literatura.

Em geral, o trabalho pedagógico com os contos de fadas se dá nas séries iniciais do ensino fundamental, considerando seu aspecto lúdico e tradicionalmente tido como histórias infantis. Entretanto, optei pela utilização dos contos de fadas também nas séries finais do ensino fundamental, sobretudo na série de transição, o 6º ano, e nesse sentido, “aproveitar” a aproximação e encantamento que os alunos já têm pelos contos de fadas e aprofundar os estudos e reflexões proporcionados por esse gênero literário, também na segunda fase do ensino fundamental, de modo a melhorar a qualidade leitora e escritora dos alunos.

Por meio das histórias dos contos de fadas e em concordância com a base teórica analisada acredito que os estudantes podem enxergar e conhecer vários papéis sociais, vivenciar muitas experiências, muitas habilidades e personalidades podem ser desenvolvidas, descobertas e redescobertas, o imaginário e a criatividade dos estudantes podem ser aguçados aumentando as possibilidades de melhoramento na leitura tanto no gênero literário conto de fadas quanto em outros gêneros literários.

Nesse contexto, percebemos o quanto é fundamental o papel do professor, pois será de sua responsabilidade proporcionar aos estudantes oportunidades adequadas de leitura, fazendo dessas oportunidades, situações prazerosas de aprendizagem. Os contos de fadas são situações primorosas de leitura, uma vez que por si só, ao meu ver, oportunizam experiências de leituras formativas, as quais permitem aos estudantes adentrarem ao universo das narrativas contadas e viverem a seu próprio modo cada

conto de fadas contado.

Por conseguinte, essa pesquisa procurou promover uma reflexão em torno do tema da leitura literária dos contos de fadas e contribuir com trabalho docente de Língua Portuguesa, de modo que o produto deste trabalho, qual seja, o caderno de oficinas de contos de fadas possa auxiliar os professores em sala de aula. As oficinas foram elaboradas estrategicamente pensadas no público alvo específico do 6º ano do ensino fundamental, a estrutura textual e de conteúdo apresentado volta-se as particularidades destes alunos em especiais. E, de maneira geral, as atividades foram pensadas para somar-se ao material didático pedagógico disponível nas escolas, visto que se trata de uma sequência de exercícios interativos que mesclam teoria e prática, além de dispor de dicas e orientações que visam a formação leitora e escritora dos alunos.

Destaco ainda, que a proposta foi construída com vistas a promover um trabalho lúdico e dinâmico, mas que também é passível de adaptações pelos professores que desejem aplica-lo, os quais podem a seus modos fazerem as adequações que julgarem necessário, considerando as especificidades das turmas atendidas. Entretanto, sei que o assunto por aqui tratado não foi esgotado e que a proposta interventiva aqui apresentada é mais uma dentre tantas possíveis de aplicação em sala de aula e que se propõem a contribuir com a formação literária dos alunos, tornando-os competentes no uso da linguagem.

De minha parte, enquanto docente da rede pública em dois municípios distintos, pretendo implementar em sala de aula, durante o primeiro semestre letivo de 2024, as oficinas literárias de contos de fadas aqui construídas. Considerando, pois, as mais recentes orientações e normativas do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, bem como a potencialidade das oficinas para o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental. Acrescento também que é minha pretensão publicar os resultados da implementação das oficinas literárias em forma de artigo científico em periódicos da área. Por último, saliento ainda, as minhas intenções em publicar individualmente, o caderno de oficinas, o produto educacional que compõe essa dissertação, em ambientes virtuais tais como o portal do professor do MEC, visando maior alcance e replicabilidade em outras escolas.

Entretanto, o propósito inicial da pesquisa foi atingido e sinto-me feliz e realizada. A importância desse trabalho para minha carreira profissional, bem como para o âmbito de minhas pretensões acadêmicas e pessoais é imensurável. Sou professora por escolha e melhorar a cada oportunidade é fundamental. O Mestrado Profissional em

Letras – PROFLETRAS, foi essencial para meu crescimento profissional e de vida. O percurso trilhado até aqui possibilitou-me reflexões e aprendizagens que somadas aos meus conhecimentos de profissão e vida me fazem melhor. A leitura dos contos de fadas é uma experiência convidativa à longas viagens ao universo de outros contos, outros gêneros literários, de livros, da literatura.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Versão final. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais De Língua Portuguesa** – Ensino Fundamental. Secretaria De Educação Fundamental: Brasília, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- BLOOME, D. Classroom Ethnography in: Grenfell, M.; Bloome, D.; Hardy, C.; Pahl, K.; Rowsell, J., Street, B. (Eds.). **Language, Ethnography, and Education: Bridging New Literacy Studies and Bourdieu**. Nova York: Routledge, 2012.
- CALDIN, C. F. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, p. 47-58, 2003. DOI: 10.5007/1518-2924.2003v8n15p47. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.
- CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e direitos humanos**. In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.). **Direitos humanos e...** São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. **Direitos humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COELHO, N. N. **Literatura Infantil: 1teoria, análise, didática**. São Paulo:Moderna, 2000.
- COELHO, N. N. **Contos e desenvolvimento psíquico**. Revista Viver Mente & Cérebro, nov. 2004.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad.: Laura Sandroni. Sã COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Trad.: LauraSandroni. São Paulo: Global, 2013.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. **O espaço da literatura na sala de aula**. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coords). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. –1. Ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, M.T. V. **Práticas de leitura literária no ensino de língua espanhola na educação de jovens e adultos**. 2018.

ECKHARDT, G. A. Simpósio At 210 - **A Importância Da Experiência Literária No Prazer Pela Leitura**, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: Fazenda, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLVEIA, A. Teoria da Literatura: **Fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas**. João Pessoa: editora UFPB, 2011.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2000.

LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1978.

MACHADO, M. C. **João e Maria e outros contos de Grimm**. 3ª ed. Duque deCaxias: Petra, 2018.

MACEDO, M. S. L. M. **A função da literatura na escola. Resistência, mediação e formação leitora**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

MARCUSHI, L.M. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, L. P. D. **Livros são viagens, contos são bilhetes departida: a literatura fantástica em sala de aula**. 2019.

MORAIS, A. F. de; TIRINA, J. S. **Educação, Profissão Docente e Sociedade: Os Desafios Contemporâneos Do Professor**. In: SANTOS, Bethânia Moreira da Silva; BATISTA, Eraldo Carlos. **Educação, Profissão Docente e Sociedade: Os Desafios Contemporâneos do Professor**. Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2019.p.(111)-(119).

NUNES, A. C. **A importância da leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva da criança**. 2019.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *CONJECTURA: filosofia e educação*. v. 14, n. 2, 2009.

PETIT, M. **Os jovens e a literatura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olgade Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, M. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PRADO, J.; CONDINI, P. **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PRADANOVE, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul: UNIVERSIDADE FEEVALE, 2013.

QUIRINO, C. A. O; FERNANDES, G. F. G. **Estratégias de leitura e suas contribuições para a formação do leitor nos anos iniciais**. *Revista de Ciências da Educação*, p. 183-202, 2020.

RIGGS, R. **Contos Peculiares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

SANTOS, C. F. **O ensino da leitura e a formação em serviço do professor**. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, jan/jun. p. 29-34. 2002.

SARAIVA, J. A. **Literatura e Alfabetização do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2021.

SILVA, E. D. B. **Brincando Com Narrativas: O Incentivo à Leitura a Partir Do Trabalho Com Contos De Fadas**. 2020.

SILVA, N. O. **Contos De Fadas e Práticas De Leitura Na Educação Básica**. 2019.

TATAR, M. **Contos De Fadas: Edição Comentada E Ilustrada**. Rio De Janeiro: Zahar, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

VIGOTSKY, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>.